

M

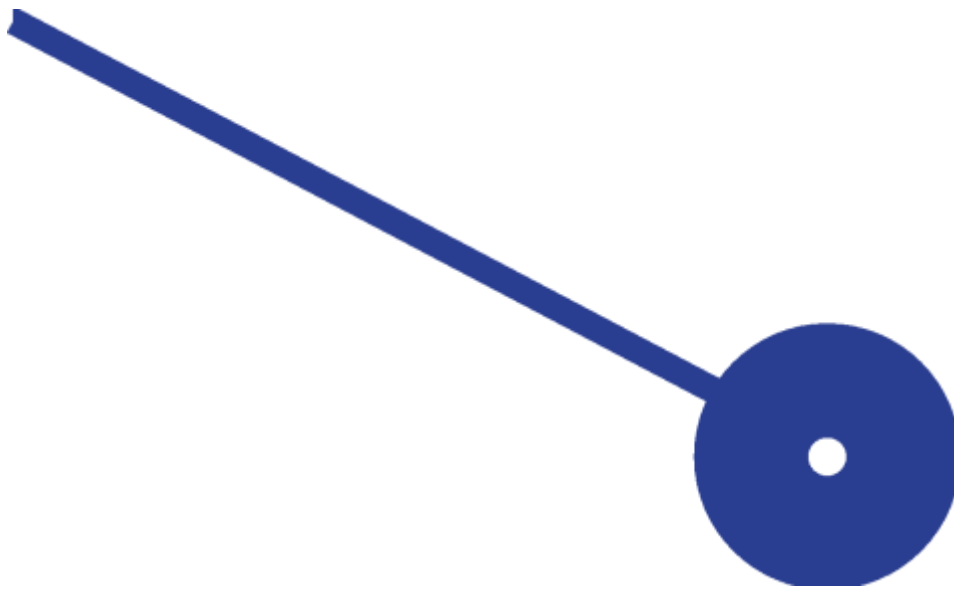
MESTRADO

EM ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE
PORTUGAL NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A volta à escola em 140 dias: o processo de ensino-aprendizagem como uma viagem

Analisa Correia Francisco

12/2021



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Analisa Correia Francisco

**A volta à escola em 140 dias: o processo de ensino-aprendizagem
como uma viagem**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de
Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Orientação: Prof.ª Doutora Elisama Oliveira

Equipa de Supervisão: Prof.ª Maria Elisa Sousa; Prof.ª Paula Flores; Prof.ª Ana Catarina Simão

Porto, dezembro de 2021

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Analisa Correia Francisco

**A volta à escola em 140 dias: o processo de ensino-aprendizagem
como uma viagem**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de
Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Orientação: Prof.ª Doutora Elisama Oliveira

Equipa de Supervisão: Prof.ª Maria Elisa Sousa; Prof.ª Paula Flores; Prof.ª Ana Catarina Simão

Porto, dezembro de 2021

A todos os viajantes deste mundo, que não têm medo de enfrentar as adversidades da vida e construir um amanhã melhor. A educação transforma o mundo.

A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível.

Alice no País das Maravilhas

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre me apoiou e não me deixou desistir do meu sonho.

Ao meu namorado, por me ter acompanhado nesta jornada e me ter incentivado a lutar e a seguir em frente. Foram dias de luta e trabalho árduo, mas conseguimos!

Às minhas estrelinhas, que sei que estão sempre comigo e me acompanham nesta jornada tão complicada que é a vida.

À minha parceira de estágio e amiga, Branca e à minha amiga, Elsa, por todos os momentos partilhados, vividos e eternizados no nosso coração. Juntas enfrentamos o mundo!

À minha orientadora, professora Elisama, por nunca me deixar desistir e ter sempre uma palavra de força para cada momento. Obrigada por me ter acompanhado e me ter feito crescer!

À professora Elisa, que me mostrou a beleza e o encanto desta profissão e que de tão humilde maneira se tornou tão especial. Obrigada por ser quem é!

Às professoras cooperantes, Rosa, Carla e Madalena, que tão gentilmente me acolheram nas suas salas e me mostraram como é possível crescer cada dia. Obrigada pelo exemplo e pelos ensinamentos!

Aos principais passageiros desta viagem, os meus meninos que me ajudaram a crescer enquanto pessoa e profissional. Sem eles, esta viagem não seria possível.

À Cláudia e à Carolina, amigas para a vida, por nunca desistirem de mim e verem sempre o lado positivo, arranjando sempre solução até para o que estava para vir.

A Deus, que me ilumina todos os dias no seu caminho de Fé, Esperança e Amor!

A todos quantos lerem este relatório e quiserem fazer esta viagem comigo!

Obrigada!

Esta é a nossa viagem que começa cada dia, quando juntos enfrentamos o mundo e o mudamos através da educação.

RESUMO

O presente Relatório de Estágio, intitulado *A volta à escola em 140 dias: o processo de ensino-aprendizagem como uma viagem*, relata a minha viagem ao longo da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, inserida no plano de estudos do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, sendo esta condição necessária para a obtenção do grau de Mestre e habilitação legal para a docência no 1.º ciclo e nas áreas disciplinares acima mencionadas do 2.º ciclo do ensino básico.

Primeiramente, neste relatório em que apresento a minha viagem pessoal e profissional, desvendo os segredos da mala de um viajante, relatando o meu percurso pessoal e académico, desde a indecisão a propósito de qual seria a porta de embarque certa até ao embarque neste mestrado. De seguida, apresento a PES (Prática de Ensino Supervisionada), UC (Unidade Curricular) que me levou a uma viagem mais profunda pelo mundo do ensino; caracterizo os lugares por onde passei e os passageiros que embarcaram nesta aventura. Depois, exponho o modo como me fui alimentando ao longo deste percurso, nomeadamente, que atividades concretizei ao longo da PES. Abordo, ainda, “uma tempestade” que se abateu sobre esta viagem e perturbou o seu rumo, a pandemia provocada pela covid-19.

Por fim, apresento o desenho de um projeto de investigação, valorizando esta componente que faz parte da profissão docente.

Palavras-chave: 1º Ciclo do Ensino Básico; Português e História e Geografia de Portugal, no 2º Ciclo do Ensino Básico; Prática de Ensino Supervisionada; Viagem.

ABSTRACT

This Internship Report, entitled The return to school in 140 days: the teaching-learning process as a journey, reports my journey along the curricular unit of Supervised Teaching Practice, inserted in the study plan of the Master's degree in Teaching of the 1st Cycle of Basic Education and Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd Cycle of Basic Education, this condition is necessary for obtaining the Master's degree and legal qualification for teaching in the 1st cycle and in the disciplinary areas mentioned above of the 2nd cycle of elementary school.

First, in this report in which I present my personal and professional journey, revealing the secrets of a traveler's suitcase, reporting my personal and academic journey, from the indecision as to what would be the right boarding gate to boarding this master's degree. Next, I present the PES (Supervised Teaching Practice), UC (Curricular Unit) that led me to a deeper journey through the world of teaching; i characterize the places I passed and the passengers who embarked on this adventure. Then I show the way I have been feeding along this route, namely what activities I have carried out throughout pes. I also board "a storm" that fell on this trip and disturbed its course, the pandemic caused by covid-19.

Finally, I present the design of a research project, valuing this component that is part of the teaching profession.

Keywords: 1st Cycle of Basic Education; Portuguese and History and Geography of Portugal, in the 2nd Cycle of Basic Education; Supervised Teaching Practice; Travel.

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	11
ÍNDICE DE APÊNDICES	12
LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SIGLAS	13
Acerca da viagem... Todos a bordo!	14
1. Segredos da mala de um viajante	16
1.1. QUEM SOU, DE ONDE VENHO, PARA ONDE VOU: À PROCURA DA PORTA DE EMBARQUE	17
1.2. (RE)ORGANIZAR, (RE)FAZER, (RE)DESCOBRIR: BAGAGEM PARA UMA TRAVESSIA	18
2. Prática de ensino supervisionada: o passaporte para a outra margem	22
2.1. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA: MARGENS, PARAGENS, ESCALAS E PONTES	23
2.2. LUGARES, ROSTOS E PAISAGENS: PARAGENS PARA NUTRIR A BAGAGEM	26
2.2.1. PASSAGEIROS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	28
2.2.2. PASSAGEIROS DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO	30
2.3. ALIMENTOS PARA A VIAGEM: CENTELHA PARA DESCOBRIR E APRENDER	32
2.3.1. UNIDADES DIDÁTICAS E OPÇÕES METODOLÓGICAS: MIRAR, PLANEAR, VIAJAR, SONHAR MUNDOS E HORIZONTES	33
2.4. A TEMPESTADE (NÃO) IRÁ PASSAR	43
3. Literatura para aprender/ensinar história: investigar para saber	45
3.1. JUSTIFICAÇÃO E MOTIVAÇÃO	46
3.2. O TEXTO LITERÁRIO COMO FONTE PARA APRENDER/ENSINAR HISTÓRIA	47
3.3. O PROJETO: MAPEAMENTO, ROTAS E PERCURSOS	53
A travessia do viajante: (des)embarque, (des)memória, (des)caminho, lembranças... de futuro	55
BIBLIOGRAFIA	57
NORMATIVOS LEGAIS E OUTROS DOCUMENTOS	59
Apêndices	60

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Exemplo de calendário de regências.....	24
Figura 2 – Horário das turmas	25
Figura 3 – PowerPoint com o texto “Casa de Palavras”, de António Mota	34
Figura 4 – Evolução dos Meios de Transporte	35
Figura 5 – Estrutura do Texto de Opinião	36
Figura 6 – Provérbios Populares.....	36
Figura 7 – Dramatização de um episódio da obra <i>Ulisses</i>	38
Figura 8 – Exemplo de questão no jogo <i>Kahoot</i>	40
Figura 9 – Exploração da música “Modernices (O Modernismo)”	42

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Planificação 1º CEB	60
Apêndice 2 – Planificação 2º CEB	67
Apêndice 3 – Planificação 2º CEB (<i>Ulisses</i>)	70
Apêndice 4 – Planificação 1º CEB (atividade no exterior)	735
Apêndice 5 – Planificação HGP	75

LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SIGLAS

AE - Aprendizagens Essenciais

AEC - Atividade Extracurricular

ASE - Ação Social Escolar

CEB - Ciclo(s) do Ensino Básico

CREC - Complemento Regular Específico de Curso

PASEO - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

PE - Projeto Educativo

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PNL - Plano Nacional de Leitura

RE - Relatório de Estágio

UC - Unidade Curricular

UD - Unidade Didática

ACERCA DA VIAGEM... TODOS A BORDO!

A viagem vai começar! Senhores passageiros preparem-se para partir. Chegou a hora de embarcar nesta viagem pelo mundo da educação e do ensino. Aqui, tem início o relato de uma viagem particular: a minha. Aquela que percorri ao longo de vários anos e particularmente aquela que fiz no meu último ano de mestrado. Esta viagem é narrada no presente Relatório de Estágio (RE), que surge no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo e de Português e História e Geografia de Portugal (HGP) no 2º Ciclo do Ensino Básico (CEB), da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Tal como o viajante se prepara para uma viagem, também eu me fui preparando para percorrer este caminho e, assim, construir a minha identidade docente. Desde os manuais e as planificações até à sala de aula, passando pelos documentos orientadores, tudo contribui para a preparação do docente e da sua intervenção na escola.

No primeiro capítulo, abordei os segredos que esconde a mala de um viajante: o meu percurso pessoal e académico e a bagagem que precisei para traçar e percorrer o meu caminho ao longo da prática educativa.

No segundo capítulo, comecei por me debruçar sobre o passaporte que me levou à outra margem: a PES, explicando como funciona e se organiza esta unidade curricular. De seguida, dei a conhecer os lugares e os passageiros que fizeram parte deste caminho; as escolas e os alunos que intervieram ativa e diretamente nesta viagem. Depois, referi quais os alimentos de que precisei para me ir nutrindo, ao longo do trajeto percorrido, como as unidades didáticas e as atividades que desenvolvi ao longo das aulas. E, por fim, relatei a tempestade que interrompeu a viagem planeada e mudou o rumo da mesma: a pandemia provocada pela covid-19 e a instabilidade decorrente da mesma.

Quase a terminar, no terceiro capítulo, abordei a dimensão investigativa da prática docente através do desenho de um projeto de investigação dedicado à relação entre a literatura e a história, designadamente à forma como estas áreas poderão contribuir para o ensino-aprendizagem uma da outra.

No quarto e último capítulo, fiz uma reflexão acerca do meu percurso, na qual abordo, entre outros temas, a viagem, mesmo com a tempestade que surgiu e que me ensinou muito, as aprendizagens adquiridas e aquelas que fui consolidando, bem como as expectativas para o futuro.

1. SEGREDOS DA MALA DE UM VIAJANTE

Neste capítulo, procurei desvendar os segredos da mala de um viajante, porque “...quem carrega uma mala, carrega segredos...” (Cavalcanti, s.d., p. 32) e só os revela a quem quer e os que quer. Tal como um viajante, também o professor nas suas viagens necessita de (re)pensar, (des)fazer e (re)organizar a(s) sua(s) mala(s), dando espaço para aquilo que planeia, mas também com abertura para o inesperado. O inesperado é sempre o melhor. É aquilo que mais vai enriquecer a mala. Esta mala que está carregada de muito. Tem conhecimento, sentimento, paixão pela profissão, livros, manuais, documentos orientadores e muito mais. Ao longo da sua vida e da sua carreira, o docente esvazia-a e enche-a conforme necessita. Enche-a, todos os dias, com novos conhecimentos e aprendizagens, com o que os seus alunos lhe ensinam e com as experiências vividas e partilhadas. Enche-a de muita reflexão e vontade de fazer melhor. Esvazia-a de pensamentos e atitudes negativas e palavras soltas.

Para revelar os segredos que esconde a minha mala de viajante, dei a conhecer várias experiências facultadas pelo desejo de descoberta e que traçam os caminhos do ensino e da aprendizagem. Assim, desvendei o meu percurso académico, explicando as escolhas que fiz até encontrar a porta de embarque certa. De seguida, centrei-me na PES, unidade curricular que me abriu uma grande porta para o mundo da educação e do ensino e me permitiu vivenciar e experimentar a arte de ser professor. Para além desta UC, nesta parte do relatório, referi, ainda, os documentos que regulam e orientam a prática docente e todas as experiências vivenciadas no decorrer do meu percurso académico, principalmente as que ocorreram durante o estágio da licenciatura. Toda esta bagagem cabe dentro desta mala que o professor transporta consigo, ao longo da sua vida.

1.1. QUEM SOU, DE ONDE VENHO, PARA ONDE VOU: À PROCURA DA PORTA DE EMBARQUE

A vida é uma viagem com princípio, meio e fim. Neste caminho, conhecemos o início, antevemos o fim e vamos construindo o meio. Somos os comandantes desta viagem e todos os dias fazemos escolhas e tomamos decisões que ditam o rumo da mesma. A escolha de uma profissão é algo que faz parte deste percurso. Ao longo do nosso percurso escolar, vamos ouvindo dizer que temos de escolher o que queremos ser quando crescermos e, à medida que o tempo passa, essa escolha torna-se mais real e necessária, mas nem sempre fácil.

Por não ser fácil, passei por várias fases até encontrar a porta de embarque que me levou até esta viagem pelo mundo da educação. Depois de realizar o percurso educativo habitual - da educação pré-escolar ao 9º ano -, foi chegada a altura de escolher o curso para ingressar no ensino secundário. Uma escolha difícil, mas necessária. Ingressei num curso com planos próprios, ligado à área das ciências, pois também era um mundo que me fascinava. Passados dois anos, saí do curso e integrei o de Línguas e Humanidades. Quando terminei o 12º ano, chegou a altura de escolher a licenciatura a seguir. Ingressei, então, no curso de Estudos Portugueses e Lusófonos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Passado um ano, decidi que não era aquilo que queria e candidatei-me à Licenciatura em Educação Básica, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, e entrei.

Foram três anos de muitas vivências, experiências, aventuras e momentos marcantes. O estágio foi o que me proporcionou experiências mais ricas e o que me fez ter a certeza de que era este o caminho que queria seguir, de que esta era a porta de embarque certa para entrar. Este permitiu-me contactar com diferentes anos e ciclos de ensino e ainda com contextos informais, como, por exemplo, bibliotecas e, até, o hospital pediátrico “Um Lugar para o Joãozinho”. Quando chegou a altura de escolher a área do mestrado, conjuguei as duas que mais me despertavam interesse, o Português e a História aliados ao ensino no 1º CEB. Entrei, então, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e continuei a minha viagem pelo mundo da educação e do ensino.

1.2. (RE)ORGANIZAR, (RE)FAZER, (RE)DESCOBRIR: BAGAGEM PARA UMA TRAVESSIA

No segundo ano do mestrado, a PES levou-me a viajar mais profundamente por este mundo do ensino. Mas antes de iniciar qualquer viagem, é necessário prepararmo-nos e preparar a bagagem. O ato de ensinar e o exercício da docência encontram-se regidos por documentos que regulam, orientam e exigem o cumprimento de várias orientações. Nesta viagem, a minha bagagem é constituída, sobretudo, pelos documentos orientadores que regulam a prática docente: os Decretos-Lei (137/2012; 54/2018; 55/2018; 240/2001), passando pelas *Aprendizagens Essenciais* (AE), o *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO) e os Programas e Metas Curriculares das disciplinas.

Segundo o Decreto-Lei nº 240/2001, “O regime de qualificação para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário encontra o seu enquadramento jurídico estabelecido nos artigos 30º e 31º da lei de bases do sistema educativo e legislação complementar (...) (p. 1)”. O Anexo II do Decreto-Lei nº 240/2001, define o docente “(...) como um profissional de educação com a função específica de ensinar, ..., apoiado na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa e enquadrado em orientações de política educativa...” (p. 2). Assim,

“O professor promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das ações concretas da mesma prática, social e eticamente situada, tendo, desta forma “... a responsabilidade específica de garantir a todos numa perspetiva de escola inclusiva, um conjunto de aprendizagens de natureza diversa, no âmbito de um currículo...” (Anexo II do Decreto-Lei nº 240/2001, p. 2).

O currículo, elemento orientador da prática docente, é um instrumento que “(...) integra planos curriculares, que apresentam o conjunto de componentes de currículo ou de formação, áreas disciplinares, disciplinas e unidades de formação de curta duração, a lecionar por ano de escolaridade, ciclo e nível de ensino ou formação (...)” (Decreto-Lei 55/2018, Artigo 11º, p. 5). Analisando “a etimologia da palavra currículo, proveniente do étimo latino *currere*,

que significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir, percebemos as duas ideias principais que definem este lexema: uma de sequência ordenada, outra de noção de totalidade de estudos” (Pacheco, 2001, pp. 15,16). No contexto escolar aplica-se a segunda ideia, a de totalidade de estudos, uma vez que, como já referido anteriormente, o currículo estabelece as componentes de formação, as áreas disciplinares e as disciplinas de um determinado ano de escolaridade, ciclo e nível de ensino ou formação.

A par do currículo estão as AE. Este documento curricular, estabelece

“o conjunto comum de conhecimentos a adquirir, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada área disciplinar ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação” (Decreto-Lei nº 55/2018 artigo 3º, p. 3)

As AE têm como base os princípios elencados no PASEO, que

“estruturado em princípios, visão, valores e áreas de competências, constitui a matriz comum para todas as escolas, ofertas e modalidades educativas e formativas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, contribuindo para a convergência e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do desenvolvimento curricular: o planeamento e a realização do ensino e da aprendizagem, bem como a avaliação interna e externa das aprendizagens dos alunos” (Decreto-Lei nº 55/2018 artigo 3º, p. 3).

Apesar do currículo estar estabelecido, o docente deve apropriar-se deste, conhecê-lo e adaptá-lo ao contexto escolar. Tal como previsto no artigo 4º do Decreto-Lei 55/2018, os professores são os

“agentes principais do desenvolvimento do currículo, com um papel fundamental na sua avaliação, na reflexão sobre as opções a tomar, na sua exequibilidade e adequação aos contextos de cada comunidade escolar” (p. 3).

Esta adaptabilidade do currículo promove uma

“escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontrem respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadores da sua plena inclusão social” (Decreto-Lei 54/2018, introdução, p. 1).

Para que haja esta flexibilidade curricular é necessário e imprescindível que o professor esteja em constante formação e desenvolvimento, tanto pessoal como profissional. As exigências da sociedade atual, que se refletem no processo educativo, implicam que “o professor seja não um mero executor de currículos previamente definidos ao milímetro, mas um decisor, um gestor em situação real e um intérprete crítico de orientações globais” (Alarcão, 2001, p. 2). Consequentemente, o professor, deve estar em constante questionamento sobre a sua prática para a melhorar e adaptar à realidade em que se encontra, pois, como afirma Alarcão, não se pode permitir que “um professor (...) não se questione sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas” (2001, p. 6). O professor não pode ter uma atitude passiva em relação ao ensino porque “Ser professor-investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona” (Alarcão, 2001, p. 6).

Para além disso, importa ainda destacar o conceito de supervisão, uma vez que este surge “numa multiplicidade de campos de atuação. Daí a necessidade que se tem vindo a sentir de especificar o domínio da ação: supervisão de professores, supervisão pedagógica, supervisão da formação, ...” (Alarcão e Canha, 2013, p. 16). No caso da PES, a supervisão marca todo o percurso prático da formação docente, não só no que diz respeito aos momentos em sala de aula, mas também ao planeamento prévio dos mesmos, bem como à reflexão na ação e após a ação.

Sendo assim, salienta-se, segundo Alarcão e Canha, a

“essência da supervisão como um processo de acompanhamento de uma atividade através de processos de regulação que são enquadrados por um referencial e operacionalizados em ações de monitorização em que a avaliação está obviamente presente” (2013, p.19).

Nesta UC, a supervisão assume as duas modalidades que a compõem: a formativa, quando o professor supervisor ajuda o estudante na preparação e reflexão acerca das suas

atividades, estimulando o desenvolvimento e a aprendizagem do mesmo e a inspetiva ou fiscalizadora, quando o professor supervisor observa e avalia as aulas lecionadas pelo estudante.

2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA: O PASSAPORTE PARA A OUTRA

MARGEM

Para viajar, por vezes, é necessário um passaporte. Este permite-nos conhecer outros lugares e outras pessoas. Nesta viagem, o meu passaporte é uma unidade curricular: a PES. Esta UC, que está integrada no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino do 1º CEB e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º CEB, desenvolveu-se em contextos especializados: escolas do 1º e do 2º CEB dos Agrupamentos Escolares situados na área geográfica do Porto.

Assim, neste capítulo, expliquei, primeiramente, como se organiza e funciona a PES, de seguida mencionei as paragens que fiz, ou seja, as escolas onde foi realizada a prática educativa, os passageiros que me acompanharam, ou seja, os alunos, as unidades didáticas e algumas atividades integradas nestas unidades que foram pautando o meu percurso e a minha intervenção nas escolas. Por fim, abordei a tempestade que trouxe uma longa pausa nesta minha viagem: o encerramento das escolas e o cancelamento de todas as atividades presenciais, por parte do governo, em março de 2020, devido à conjuntura pandémica que o mundo e o nosso país atravessou, causada pela covid-19.

2.1. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA: MARGENS, PARAGENS, ESCALAS E PONTES

No âmbito do Mestrado em Ensino do 1º CEB e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º CEB, a PES tem como principal objetivo “capacitar os estudantes para um exercício profissional adequado e progressivamente autónomo” (CREC - Complemento Regular Específico de Curso, 2018/2019, Artigo 2º do Anexo 1, p. 6). Os princípios basilares para o desenvolvimento de competências fundamentais na prática da profissão docente assentam na construção do saber, saber fazer, saber ser, saber transformar e saber envolver-se (CREC, Artigo 2º, p. 6). A PES deve ser a ponte e fazer a ponte entre a teoria e a prática, relacionando os conteúdos apreendidos com os contextos escolares, permitindo o contacto dos futuros docentes com a realidade e colocando em prática os conhecimentos adquiridos e as competências desenvolvidas ao longo do seu percurso académico.

Esta UC é anual e está enquadrada no 2º ano curricular do mestrado. A componente de estágio decorre em escolas do 1º e 2º CEB, que têm um protocolo de cooperação com a ESE IPP (CREC, Artigo 5º, p. 8).

O trabalho desenvolvido nesta UC procura estabelecer um diálogo entre o 1º e o 2º Ciclos, na sala de aula e na comunidade escolar. Os professores em formação são distribuídos pelas escolas e organizados em pares pedagógicos. Este processo de aprendizagem tem três fases fundamentais: a observação, na qual os professores estagiários observam aulas dos professores cooperantes; a observação/cooperação, momento que permite não só a observação, mas também uma intervenção dos professores em formação, de forma colaborativa e cooperante com o professor titular da turma e, ainda, a regência, fase na qual os estudantes concretizam a sua intervenção individual nas turmas, com o apoio e a orientação dos professores cooperantes e dos professores supervisores.

Encarando o ensino como uma construção holística, com vários ambientes, intervenientes, recursos e momentos, torna-se fundamental compreender o conceito de articulação (vertical e horizontal), pois é um conceito fundamental na prática docente e que esteve presente aquando da conceção das Unidades Didáticas (UD). Segundo a UNESCO-IBE

(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a articulação vertical e horizontal do currículo é a

“organização de conteúdos segundo a sequência e a continuidade da aprendizagem em determinado domínio do conhecimento ou matéria ao longo do tempo (articulação vertical) bem como a integração de conteúdos curriculares de diferentes domínios do conhecimento em determinada série (articulação horizontal, a fim de desenvolver a integração entre matérias, disciplinas, ou domínios de conhecimento)” (2016, p.19).

Recorrendo aos documentos curriculares, bem como à observação do contexto educativo e tendo em conta as características, as dificuldades, os interesses e as potencialidades de cada contexto, idealizei e elaborei as UD. Estes momentos de conceção, embora individuais, contam também com momentos de cooperação com o par pedagógico, os professores cooperantes e a coordenadora da PES. Assim, elaborei um calendário de regências (figura 1) com base no horário das turmas que me foram atribuídas (figura 2).

Mês	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
Novembro 2019 1ª Unidade didática		18 A (P) A (P)	19 A (P) A (P)	20	21	22	23
	24	25	26	27	28 M (1ªCEB) M (1ªCEB) PORT.+EXP	29 TESTE (P)	30
Dez 2019 1ª Unidade didática Análisa e Branca 2A(P)+2M(1ªCEB)+ 1A(H)	1	2 M (1ªCEB) M (1ªCEB) PORT.+E.M.	3 A (H) A (H)	4	5	6	7
	29 Semana 52	30	31 Véspera de Ano Novo	1 Ano Novo	2	3	4
Jan 2020 2ª Unidade didática Análisa 3A(P)+2M(1ªCEB)+ 1A(H) De 13/01 a 24/01 Branca 3A(P)+2M(1ªCEB)+ 1A(H) De 24/01 a 06/02	5 Semana 1	6 INÍCIO 2 PERÍODO	7	8	9	10	11
	12 Semana 2	13 A (P)	14 A (P)	15	16	17 A (P)	18
	19 Semana 3	20	21 A (H)	22	23 M (1ªCEB) MAT.+E.M.	24 A (P) M (1ªCEB)	25 PORT.+MAT
	26 Semana 4	27 A (P)	28 A (H)	29 M (1ªCEB) PORT.	30	31	1

Figura 1- Exemplo de calendário de regências

HORAS	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
9:00-13:15 (1ª CEB) 12 ^h			1ª CEB	1ª CEB	1ª CEB
8:20-9:05					
9:05-09:50					
10:05-10:50					
10:50-11:35					
11:45-12:30					
12:30-13:15					
14:30-16:10 (1ª CEB)			1ª CEB		
13:35-14:20	6ª J (P)	6ª J (P)		6ª L (H)	6ª J (P)
14:20-15:05					
15:15-16:00		6ª L (H)			
16:00-16:45					
17:00-17:45					
17:45-18:30					

Figura 2 – Horário das turmas

As reuniões semanais nas escolas com os professores cooperantes e as reuniões, em grupo, na ESE contribuíram para a construção de materiais, para o esclarecimento de dúvidas e para uma avaliação constante e contínua das atividades desenvolvidas. Esta cooperação aluno-aluno e professor-aluno contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional. Estes momentos promoveram uma auto e hetero reflexão, imprescindíveis na construção do perfil e da prática docente. Através deles, é possível readaptar e aperfeiçoar as atividades a desenvolver em sala de aula, de acordo com as ideias partilhadas e discutidas.

Concluindo, a reflexão crítica e construtiva do trabalho do estudante só é possível se existir um trabalho de colaboração, ou seja, uma “vontade de realizar com outros”, uma

“confiança no outro, valorização dos seus saberes e experiências, acreditar que com ele é possível ir mais longe do que sozinho. E implica também humildade na valorização que fazemos do nosso próprio conhecimento e da nossa experiência, admitindo e desejando que eles se modifiquem e enriqueçam pelo encontro colaborativo” (Alarcão & Canha, 2013, p. 48).

2.2. LUGARES, ROSTOS E PAISAGENS: PARAGENS PARA NUTRIR A BAGAGEM

Quando fazemos uma viagem, levamos a nossa bagagem. Quando regressamos, essa bagagem não é a mesma, pois vai sendo nutrida pelos lugares, rostos e paisagens que encontramos nessa viagem. É, pois, desses rostos, lugares e paisagens que trata esta secção.

Começando pelos lugares, centrar-me-ei nas duas escolas em que a prática pedagógica foi desenvolvida. A PES correspondente ao Primeiro Ciclo do Ensino Básico (1º CEB) foi realizada numa instituição de carácter público. Esta era constituída por quatro salas de aula, uma sala dos professores, um polivalente, que integrava a cantina, uma cozinha, três casas de banho e um amplo espaço exterior com um campo de jogos. Nesta escola do 1º CEB, trabalhavam doze colaboradores: quatro professores do 1º CEB, quatro professores que lecionavam as atividades extracurriculares (AEC), a diretora da escola e três auxiliares de ação educativa.

No 2º CEB, a prática pedagógica também decorreu numa instituição pública, que englobava dois ciclos de ensino: o segundo e o terceiro CEB. Esta escola era constituída por quarenta salas, uma biblioteca, uma sala de professores, várias salas para cada departamento, uma reprografia, uma cantina, uma sala de convívio para os alunos, uma sala de diretores de turma, a secretaria, o gabinete médico, o gabinete de apoio tutorial, os gabinetes da direção e as Unidades de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdocegueira congénita (UAEEM). Nesta instituição, trabalhavam cerca de 113 docentes do 2º e 3º CEB, vinte assistentes operacionais e nove assistentes técnicos.

Tanto a escola do 1º CEB quanto a do 2º CEB fazem parte do mesmo agrupamento. Segundo o Artigo 6º do decreto-lei 137/2012, “O agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída pela integração de estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino (...)” (p. 2). Assim entendido, este agrupamento de escolas onde realizei a PES “[promove] o desafio das aprendizagens escolares como fator determinante para a vida ativa dos alunos, indo ao encontro das constantes mutações da sociedade” e tem como missão o “desenvolvimento de competências (...) que permitem uma adequação contínua do indivíduo

à sociedade, munindo-o de capacidades motivacionais para a sua transformação política, económica e social” (Projeto Educativo [PE], 2017-2020, p. 4).

O agrupamento de escolas em apreço tem ainda linhas orientadoras que visam a promoção da “qualidade educativa/ sucesso escolar”, o desenvolvimento do “espírito cívico, democrático e inclusivo”, a “interação com a comunidade” e o fomento da “aprendizagem ao longo da vida” (p. 15).

No que concerne à localização geográfica das escolas, estas situavam-se no distrito do Porto. A primeira localizava-se numa zona residencial, sem espaços de comércio ou outras instituições à volta. A segunda encontrava-se no centro da cidade, onde se localizavam uma biblioteca, vários espaços de comércio, bancos e zonas residenciais. Ambas eram de fácil acesso, pois existiam autocarros e uma boa rede rodoviária.

Neste agrupamento, existiam vários projetos/clubes que refletiam, não só o dinamismo da comunidade educativa, mas também

“procuram responder aos interesses dos alunos, aos desafios da atual massa estudantil e às necessidades familiares. Abrangendo áreas diversificadas a nível cultural, desportivo, artístico e cívico, os projetos/clubes integram o Plano Anual de Atividades (PAA) e funcionam como complemento de conteúdos curriculares para a melhoria da formação integral e harmoniosa da população discente” (Projeto Educativo [PE], 2017-2020, p. 12).

Como tal, os clubes que existiam eram os seguintes: o clube de Teatro, o Desporto Escolar, o clube do Azulejo e o de História. Destes, destacam-se o clube de Teatro e o de História, denominado “À Descoberta da História”, onde participavam alguns alunos das turmas onde foi realizada a PES.

2.2.1. PASSAGEIROS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Nesta viagem, não poderiam faltar os passageiros, pois nenhuma viagem se faz sem eles. Ao contrário das viagens normais, em que os passageiros são meros viajantes e não intervêm na mesma, estes passageiros tiveram um papel muito ativo no caminho que percorremos juntos, como vamos poder observar mais à frente, quando se descreverem as atividades desenvolvidas.

Os passageiros da turma do 1º CEB eram vinte e seis: doze rapazes e catorze raparigas. Os elementos deste grupo tinham idades compreendidas entre os oito e os nove anos. A turma tinha um bom aproveitamento, como demonstravam os resultados obtidos nos momentos de avaliação, mas também era evidente nas atividades que a professora titular desenvolvia com a turma, como, por exemplo, o “Jogo da Tabuada”. Neste jogo, a professora distribuía uma folha com vinte e cinco contas e os alunos tinham 5 minutos para realizar o maior número de contas possível. Terminado o tempo, a professora corrigia e devolvia aos alunos a respetiva folha. Com este jogo, conseguíamos observar, no imediato, os resultados positivos da turma e o bom aproveitamento da mesma.

Os alunos eram curiosos, participativos e interessados e procuravam saber mais. Por norma, traziam para a sala de aula, livros relacionados com a matéria que a professora estava a lecionar e gostavam de dar exemplos do seu dia-a-dia. Através deste constante interesse pelo mundo que os rodeia, era possível perceber que estavam a ser desenvolvidas várias áreas de competências referidas no PASEO, como, por exemplo, o desenvolvimento pessoal e a autonomia, o saber científico, técnico e tecnológico, a informação e comunicação, entre outros, e ainda valores como a cidadania, a participação, a curiosidade, a reflexão e a inovação (p. 11).

Nesta turma, dois alunos tinham algumas dificuldades de aprendizagem, nomeadamente ao nível da leitura e da compreensão de textos e do raciocínio matemático, e, por isso, tinham apoio fora da sala. Existia, ainda, um aluno que manifestava ter dificuldade em concentrar-se, pelo que era necessário chamá-lo para que este voltasse a focar a sua atenção na aula.

A sala estava organizada em formato de semicírculo, com duas filas no meio da abertura central e uma mesa ao lado da mesa da professora. Neste caso, a escolha da disposição das carteiras em semicírculo, com duas filas no meio da abertura central, prendia-se com a dimensão da sala de aula. Esta não era suficientemente grande para o número de alunos (vinte e seis) da turma e, por isso mesmo, a docente decidiu optar por esta disposição, pois assim todos os alunos estabeleciam contacto visual entre si e com a professora e conseguiam, também, trabalhar quer individualmente quer em pares. Segundo Arends, “A forma da sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções” (1995, p. 94). Neste caso, a docente teve de adaptar a disposição do mobiliário às dimensões da sala, mas, sempre que era necessário, mudava a disposição das mesas, por exemplo, para a realização de trabalhos de grupo.

Quanto ao material, era possível verificar a existência de um quadro de giz, um quadro branco, no qual se podia utilizar o marcador, e um projetor. À volta da sala, havia placares onde a professora afixava os trabalhos dos alunos e alguns cartazes com a matéria lecionada. Ao fundo da sala, em cima de um armário, estava uma caixa que continha livros e, por cima desta, um cartaz onde a professora apontava as atividades de leitura: “5 minutos a LER +”.

Ao lado da caixa dos livros, existia um conjunto de gavetas onde a professora guardava as colas e as tesouras dos alunos. Ao lado deste, num outro armário maior, a docente guardava o material novo que os alunos traziam e do qual necessitavam, ao longo do ano. Era aqui também que guardava alguns documentos e outros livros. A sala dispunha, ainda, de um armário, onde se guardava outro material e em cima do qual a professora tinha os dicionários e os manuais de que os alunos não necessitavam sempre. Junto à secretária da professora, estava a mesa do computador e uma prateleira onde a docente guardava o seu material e os seus manuais.

Ao fundo da sala, do lado esquerdo, havia uma porta que dava acesso a uma sala de arrumação. Do lado direito, podíamos observar duas janelas grandes e um parapeito com plantas. Na parede do fundo, encontrávamos os cabides numerados onde os alunos penduravam os casacos e as lancheiras.

2.2.2. PASSAGEIROS DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Neste ciclo de ensino, a PES foi realizada em duas turmas nas áreas disciplinares de Português e História e Geografia de Portugal e, tal como os passageiros do 1º CEB, também estes tiveram um papel ativo nesta viagem.

Uma das turmas do 2º CEB era constituída por vinte e três alunos, dos quais dezasseis eram rapazes e sete raparigas. Os alunos tinham idades compreendidas entre os onze e os doze anos. Os elementos deste grupo eram muito interessados, participativos e curiosos. A turma tinha um ótimo aproveitamento e rendimento, como demonstravam os resultados obtidos nos momentos de avaliação e nos momentos de interação entre professor-aluno, durante as aulas. Era também um pouco barulhenta, pois os alunos queriam estar constantemente a responder, a intervir na aula e tinham dificuldade em ouvir/aceitar a opinião dos colegas.

Nesta turma, existiam oito alunos que beneficiavam de apoio da Ação Social Escolar (ASE): quatro pertenciam ao escalão A, um ao escalão B e três ao escalão C. Destas oito crianças, duas alunas estavam abrangidas pelo decreto-lei nº 54/2018 de 6 de julho e, em algumas disciplinas, dispunham de um professor que as apoiava. Para além disso, realizavam testes adaptados. Um destes alunos beneficiava do programa de tutoria e três frequentavam aulas de apoio a Português, Matemática e Inglês.

Por seu lado, a outra turma do 2º CEB era constituída por dezanove alunos: oito rapazes e onze raparigas. Neste grupo, as idades variavam entre os onze e os doze anos. Na turma, por um lado, havia alunos interessados e trabalhadores que realizavam as tarefas pedidas - estes eram cumpridores e tinham bons resultados nas avaliações - e, por outro lado, havia outros menos interessados, que tinham resultados menos positivos nas avaliações e que só realizavam algumas das tarefas pedidas. Um dos alunos não estava na sala com a turma em todas as aulas, pois apresentava condicionamentos de ordem fisiológica. Juntava-se à turma, apenas nas aulas de Educação Musical, Educação Visual e Educação Tecnológica. Duas alunas apresentavam muitas dificuldades de aprendizagem ao nível da leitura, compreensão de textos, raciocínio matemático e resolução de problemas e, por isso, em algumas disciplinas, dispunham de um professor que as apoiava e realizavam testes adaptados. Por vezes, saíam da sala-de-aula para realizar trabalho diferenciado.

As salas do 2º CEB estavam organizadas em quatro fileiras. Como afirma Arends, “Esta é a formação mais tradicional. (...) É mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direcção, no professor por exemplo, durante a exposição de um tema, ou durante o trabalho independente no lugar”. De facto, esta é a organização que mais se observa nas salas de aula e não “(...) é conducente à discussão nem a actividades em pequenos grupos” (1995, p. 94). Como já foi referido anteriormente, diferentes formações são utilizadas para diferentes funções e, neste caso, observei que na maior parte das aulas a disposição da sala permanecia sempre igual, mesmo quando o trabalho proposto era diferente. Acredito, por isso, que, conforme afirma Cardoso, “O professor nunca se deve esquecer que o principal objetivo da disposição dos lugares é a comunicação fazer-se com mais facilidade” (2013, p. 202).

Quanto ao material, era possível verificar a existência de um quadro para utilizar o marcador, um quadro para projetar e um projetor. Na secretária do professor existia um computador e uma caixa onde os alunos colocavam os telemóveis, no início de cada aula. Nesta sala, havia, ainda, três janelas e não existia nada afixado nas paredes, pois a sala não era exclusiva daquela turma.

2.3. ALIMENTOS PARA A VIAGEM: CENTELHA PARA DESCOBRIR E APRENDER

Para sobreviver, o ser humano necessita de ar atmosférico, água e alimento. São três dos elementos essenciais à nossa sobrevivência e dos quais não podemos prescindir no nosso dia-a-dia. Para fazer uma viagem, que exige uma grande preparação física e psicológica, é ainda mais necessário levar alimentos, levar o que nos vai fazer falta para viver esta aventura.

No caso desta viagem em particular, os alimentos foram as unidades didáticas, mais concretamente as atividades desenvolvidas com os alunos. Estas foram a centelha, o que deu o impulso e a iluminação para a realização da PES. A sua dinamização teve em conta o público-alvo, o tempo, o espaço e os conteúdos a abordar. Segundo Cardoso “A preparação das aulas é um aspeto fundamental para um bom professor, pois ditará, de forma determinante, a apreensão da matéria pelos alunos” (2013, p. 145). A planificação de uma aula pressupõe vários aspetos que permitem ao docente dotar-se de uma série de materiais, estratégias e competências que contribuem para um ensino holístico, com sentido e significado. Saber o que lecionar, quais as estratégias a utilizar, adequar o tempo de cada tarefa a cada parte da aula e, por fim, avaliar. A avaliação, que deve ser contínua e formativa, visa fornecer *feedback*, não só aos alunos e aos seus encarregados de educação, como ao próprio professor enquanto agente ativo no processo de ensino aprendizagem (Diogo, 2010). As unidades didáticas, enquanto elemento específico de planificação, devem apresentar algumas características fundamentais à sua exequibilidade, tais como: ser práticas e reais; apresentar objetivos e aprendizagens de forma clara e concreta; formar um todo coerente a nível de metodologias e recursos a mobilizar; ter flexibilidade; bem como possuir coerência e adequação ao contexto escolar em causa (Pais, 2010).

Assim, no próximo subcapítulo, descrevi as atividades desenvolvidas, nas quais se verifica uma interligação entre várias áreas do saber e ainda entre os dois ciclos de ensino.

2.3.1. UNIDADES DIDÁTICAS E OPÇÕES METODOLÓGICAS: MIRAR, PLANEAR, VIAJAR, SONHAR MUNDOS E HORIZONTES

As unidades didáticas são vistas como

“unidades de programação e modo de organização da prática docente constituídas por um conjunto sequencial de tarefas de ensino e aprendizagem que se desenvolvem a partir de uma unidade temática central de conteúdo e um elemento integrador num determinado espaço de tempo, com o propósito de alcançar os objetivos didáticos definidos e dar resposta às principais questões do desenvolvimento curricular: o que ensinar, quando ensinar, como ensinar e como avaliar” (Pais, 2010, p.3).

Assim, é necessário planejar e conceber atividades que vão ao encontro de todas estas questões e se adequem ao contexto escolar. Neste caso concreto, atividades que interliguem áreas e ciclos, visto que o estágio foi realizado em simultâneo no 1º CEB e nas disciplinas de Português e HGP do 2º CEB.

Inicialmente, a primeira intervenção no contexto foi realizada com o par pedagógico, sendo que, posteriormente, cada uma das docentes em formação assumiu as suas regências de forma individual. Apesar disso, todas as intervenções foram planeadas de forma colaborativa e em cooperação com o par. Deste modo, o processo de construção e organização das atividades, dos recursos, das metodologias e dos próprios elementos de avaliação revelou-se mais rico, pela partilha e discussão de ideias.

O texto possui uma posição central na aula de Português, permitindo uma aprendizagem ligada à leitura e à escrita, pelo que o domínio da Leitura e da Escrita surgem como um só no 1º Ciclo do Ensino Básico. Deste modo, a exploração de obras de Educação Literária Infantil e Juvenil proporciona uma maior “consistência e sentido ao ensino da língua, fortalecendo a associação curricular da formação de leitores com a matriz cultural e de cidadania” (Buescu et al, 2015, p. 8).

No 1º CEB, neste domínio, foi explorado o poema “Casa de Palavras” de António Mota (figura 3). A sua leitura foi realizada em diferentes tipos, de forma individual e em grupo, de forma rápida e lenta, de forma cantada, entre outros. Ao realizar diferentes tipos de leitura,

os alunos sentem-se mais envolvidos na tarefa e apropriam-se do texto de forma mais intrínseca, o que permite uma análise e interpretação mais completa do mesmo. Além disso, foi também proposta aos alunos uma atividade de reescrita, mantendo-se a forma da quadra iniciada com o verso “Não tem portas nem janelas”. A par desta atividade, uma vez que uma das quadras do texto mencionava a deslocação do sujeito poético no espaço, convocou-se a exploração do tema “Os Meios de Transporte”, no âmbito do Estudo do Meio (figura 4 e apêndice 1). A articulação de saberes surge como uma ponte entre as temáticas estudadas, especialmente no 1º ciclo, fazendo com que a aprendizagem se torne significativa, uma vez que contacta com a realidade do aluno, inscrevendo-se num todo complexo (Carvalho, 2019).



Figura 3 – PowerPoint com o texto “Casa de Palavras”, de António Mota



Figura 4 – Evolução dos Meios de Transporte

No 2º CEB, partindo da obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e da exploração da mesma, os alunos escreveram um texto de opinião sobre uma de duas situações apresentadas pelas professoras (figura 5), associando provérbios populares às ações da personagem principal, Alice (figura 6 e apêndice 2). Os provérbios, enquanto textos da tradição popular, enriquecem a exploração das obras literárias, aproximando-as da realidade social dos alunos.

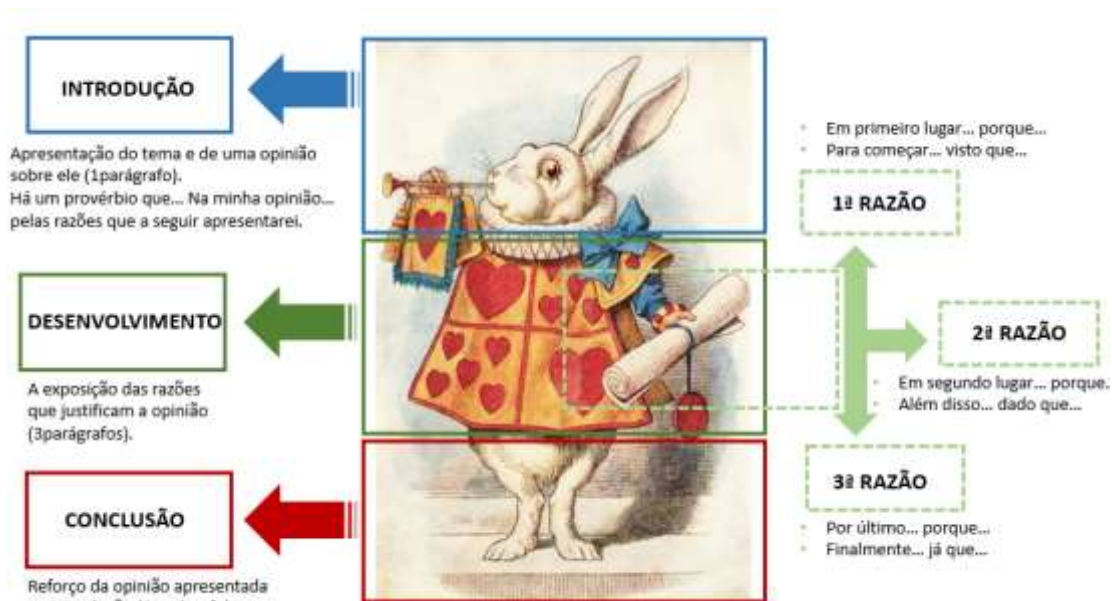


Figura 5 – Estrutura do Texto de Opinião

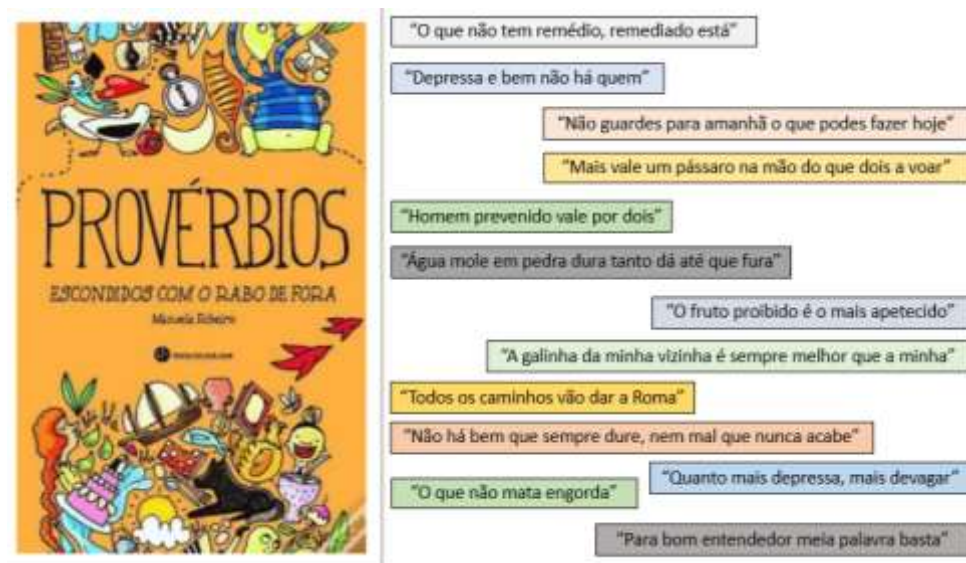


Figura 6 – Provérbios Populares

Após a redação destes textos, os alunos procederam à sua revisão e reestruturação, com o auxílio das docentes. Este momento teve como objetivo permitir uma mobilização do conhecimento linguístico aprendido na produção de textos escritos, uma vez que, segundo as *Aprendizagens Essenciais*, no 6º ano, o aluno deve ser capaz de: "Produzir textos de opinião

com juízos de valor sobre situações vividas e sobre leituras feitas.” (2018, p. 11), competência que se procurou fomentar com as atividades descritas.

No 1º CEB, os alunos realizaram um *brainstorming* para tentar descobrir o significado de algumas palavras desconhecidas do poema “Casa de Palavras”, de António Mota. “A ideia desta técnica é estimular a criatividade. (...) trata-se de pensar, «pensar fora da caixa»: fora dos esquemas de pensamento que em geral são utilizados” (Cardoso, 2013, p. 168).

No domínio da leitura, nos dois ciclos de ensino, realizei, com os alunos, diferentes tipos de leitura em voz alta (ler murmurando, ler em coro, fazer leitura coletiva, leitura dramatizada, leitura expressiva) e silenciosa (leitura para localização de uma informação), não só aquando da exploração da obra “Casa de Palavras”, mas também na interpretação da obra *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres. No que diz respeito à exploração desta última obra, os alunos tiveram de dramatizar os episódios mais importantes da mesma (figura 7 e apêndice 3). A preparação desta dramatização exigiu, para além da preparação da recitação expressiva, a mobilização de uma série de competências a nível social, como o trabalho de grupo, a tomada de decisões e a colaboração e cooperação. Além disso, os alunos tiveram a oportunidade de, tal como defende Juan Cervera, (2003, citado por Gaspar, 2014) “representar papéis e caracterizar personagens” (p. 9), colocar-se no papel do outro, interpretar, ser outra pessoa e apropriar-se de mundos e vivências que não tiveram. A ludicidade da dramatização permite o desenvolvimento da competência comunicativa, contribuindo para a motivação extrínseca dos alunos (Gaspar, 2014).



Figura 7 – Dramatização de um episódio da obra *Ulisses*

Na disciplina de HGP, os alunos realizaram a análise de fontes. Com isto, pretendi que os alunos fossem capazes de “Identificar fontes históricas, de tipologia diferente” (AE, HGP, 2018, p.7) e, assim, desenvolvessem competências associadas ao PASEO, como, linguagens e textos, informação e comunicação, raciocínio e resolução de problemas, entre outras. A análise de fontes é um aspeto fundamental na disciplina de HGP, pois “as fontes históricas têm um forte contributo na construção da história [e] a sua utilização possibilita uma maior compreensão dos acontecimentos históricos” (Padilha & Rodrigues, 2015, citado por Rodrigues, 2020, p. 25) e ainda “A condição fundamental para o desenvolvimento do conhecimento histórico dos alunos é a exploração de fontes. São elas que nos permitem o acesso ao passado” (Amaral *et al.*, 2012, p. 13). Aróstegui diz que (2006, citado por Amaral *et al.*, 2012)

“As fontes históricas são todo o material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou discurso intelectual, que tem origem humana, através do qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo” (p. 13).

Todos os produtos humanos se podem tornar fontes para conhecermos o nosso passado e a nossa história. Antes de um vestígio se tornar numa fonte histórica é necessário que um historiador lhe faça perguntas (Bloch, 1997, citado por Amaral *et al.*, 2012, p. 13). As fontes históricas permitem-nos compreender, questionar e confirmar o conhecimento histórico. Importa também referir que é fundamental que os alunos desenvolvam capacidades para conseguirem distinguir fontes e saber quais as que são mais credíveis. A exploração de fontes é importante porque nos permite compreender que existem diferentes formas de relatar o mesmo acontecimento, contribui para o desenvolvimento do espírito crítico, da capacidade de colocar questões às fontes e às informações que elas fornecem, da capacidade de observação e do gosto e da capacidade para procurar e analisar fontes.

Quando um historiador interpreta fontes, é sempre influenciado pelo presente, por isso, tal como referido anteriormente, existem várias versões para explicar o mesmo acontecimento e, por isso, é importante que os alunos conheçam essas versões para melhor entenderem a História. Só analisando fontes e conhecendo várias versões para explicar um mesmo facto, os alunos conseguirão compreender o passado e o presente.

No âmbito do 1º CEB, foi possível realizar atividades no exterior, que motivaram e cativaram os alunos de forma diferente. O contacto com a Natureza e com um espaço que não o da sala de aula ajuda a desconstruir e desmistificar o ensino mais tradicional e transmissivo. Assim, numa aula de Estudo do Meio, ao abordar a importância do ar e do sol para a vida do ser humano, os alunos foram convidados a explorar a realidade dos conteúdos de forma prática e aplicável ao quotidiano (apêndice 4). Algumas das atividades realizadas consistiram na observação do sol e da sua intensidade e na forma como a sombra nos fornece informação acerca dos raios solares. Além disso, numa perspetiva ligada aos cuidados a ter com o corpo humano, foi abordado também o horário preferível de exposição solar, bem como alguns cuidados a ter. Por fim, no que diz respeito à temática da exploração do ar e da sua importância, foram abordadas algumas questões que os próprios alunos tendem a levantar no dia-a-dia: “Porque ficamos cansados depois de correr?”, por exemplo.

Num mundo ligado às tecnologias, no qual as próprias crianças utilizam recorrentemente a internet nas suas tarefas diárias, é imprescindível recorrer a estas como

elemento facilitador do processo de ensino aprendizagem, pois, tal como afirma Cardoso, “o impacto das TIC e da comunicação digital no ensino, e na forma de adquirir conhecimento e competências, é, e será, cada vez maior” (2013, p. 299). A utilização da tecnologia na sala de aula promove um ambiente de aprendizagem positivo e significativo, que constitui um elemento motivador para as crianças. Deste modo, optei por recorrer à plataforma “Kahoot” para momentos de consolidação dos conteúdos abordados, por exemplo, para consolidar a matéria sobre os meios de transporte (figura 8).



Figura 8 – Exemplo de questão no jogo “Kahoot”

Através da utilização desta aplicação, é possível formular previamente uma série de questões, que podem ser respondidas pelos alunos através de um simples código de jogo. Este momento pode ser dinamizado de forma individual ou promovendo o trabalho em pares e/ou pequenos grupos, tornando-se, assim, ainda mais rico, uma vez que fomenta a partilha e discussão de ideias entre os alunos. Além disso, permite a receção de um *feedback* imediato por parte dos alunos, o que faz com que se encontrem mais envolvidos na tarefa e sejam capazes de autoavaliar e regular as suas respostas (Andrade, Quadros-Flores & Pinto, 2019).

Para além do jogo Kahoot, também os vídeos explicativos e músicas relacionadas com as temáticas foram elementos-chave, especialmente na disciplina de HGP. Alguns dos vídeos explicativos estão disponíveis na plataforma “Youtube” e outros na plataforma “Escola

Virtual”, acedendo aos manuais digitais. As músicas usadas foram principalmente as de Maria de Vasconcelos de uma edição especial sobre a História de Portugal.

A “importância [da música] na vida humana é inquestionável (Vieira de Carvalho, 1990, citado por Palheiros, 2014, p. 1). A música tem inúmeros benefícios no desenvolvimento intelectual, pessoal, físico e social do ser humano. Desde o ventre materno que contactamos com a música. Quando estamos dentro deste, o som do coração da mãe é como uma música que nos acalma e reconforta e é por isso que já cá fora gostamos tanto do colo da mãe. “A música tem múltiplas funções na vida das pessoas (Gregory, 1997; Nettl, 1956; Russel, 1997, citado por Palheiros, 2014, p. 2). Estas funções variam entre individuais, quando afetam o estado como nos sentimos, e sociais, quando facilitam a coordenação entre grupos (Clayton, 2009, citado por Palheiros, p. 2).

A utilização da música nas aulas permitiu que os alunos compreendessem melhor os conteúdos, pois as músicas apresentadas eram um resumo dos mesmos e permitiu também que alargassem o seu espectro musical. Aquando da audição da música, os alunos ficaram muito entusiasmados com a mesma, porque era diferente daquilo que eles costumavam ouvir e porque compreenderam que também se pode aprender de uma forma mais lúdica. A música apresentada era sobre a sociedade portuguesa do final do século XIX. No final da audição da música, pedi-lhes que preenchessem a legenda com cores e que sublinhassem, na letra da música, o que correspondia a cada cor (figura 9 e apêndice 5).

D. Maria II foi a grande educadora, e o seu filho, Pedro V, o Esperançoso, tão amado.
Teve um reinado complicado,
com chuvadas, um tremor de terra, epidemias,
só desgraças e mais desgraças a dizimar a nação ...
A todas ele resistiu com o seu nobre coração,
mas um dia adoeceu e sucumbiu
com mais três dos seus irmãos.

Sucedeu-lhe, D. Luís, o irmão que se salvou.
Chamaram-lhe o Popular que muito modernizou:
as minas e a indústria, os transportes, a agricultura.
Aboliu a pena de morte e aboliu a escravatura.
Era tudo novidade, canalizações, eletricidade,
o telégrafo, o telefone e o comboio a apitar,
o fonógrafo e o ferro de engomar.

Escolas, hotéis, hospitais, teatros, bailes e moda francesa,
o Zoo e o Coliseu, a Corrida à Portuguesa,
policías e bombeiros, esgrima e vela e equitação,
e ainda o futebol para animar a nação.
Era assim o modernismo no final do séc. XIX.
Mas gastou-se tanto em tanta modernice
Que o país estava pobre.

Legenda:

Rainha com o cognome de "A Educadora"	
Desgraças do reinado de D. Pedro V	
Rei que sucedeu a D. Pedro V	
Cognome desse rei	
Abolições	
Meios de comunicação	
Meios de transporte	
Divertimentos	
Vestuário	
Conclusão	

Figura 9 – Exploração da música "Modernices (O Modernismo)"

2.4. A TEMPESTADE (NÃO) IRÁ PASSAR

“O Governo decidiu proceder à suspensão das atividades com alunos nas escolas, de 16 de março a 13 de abril” (Ministério da Educação, 2020, p. 1): este é o início do comunicado enviado às escolas, no dia 13 de março de 2020, e que ditou o fim das aulas presenciais, impondo uma alteração no ensino. Esta mudança aconteceu sobretudo nas escolas, repercutindo-se, consequentemente, no estágio profissionalizante. Depois de muito tempo de incertezas, angústias e uma longa espera, chegou a notícia de que o estágio presencial estava suspenso e de que deveriam ser pensadas e planeadas novas propostas para conclusão da PES face ao calendário pré-estabelecido. Num piscar de olhos, a tempestade tomou grandes proporções e, descontrolada, acabou por abalar sonhos prontos a serem realizados.

Com o encerramento das escolas, o Ministério da Educação, de modo a proporcionar o ensino a todos os estudantes, criou, em parceria com a RTP, o programa #EstudoEmCasa. Este era um programa remoto de aulas a distância que incluiu um conjunto de recursos educativos organizados para os diferentes anos do ensino básico. Aproveitando este programa de aulas em casa, e depois de muito tempo de espera, foi proposta aos estudantes do mestrado em Ensino do 1º CEB e Português e HGP no 2º CEB a realização de duas tarefas para a conclusão da PES. A primeira tarefa continha três etapas, a saber: observação de aulas de Português, do 1º e do 2º CEB, Estudo do Meio, HGP, Matemática e Expressão Artística; reflexão crítica, analisando os recursos didáticos utilizados, as estratégias e a apresentação e sequencialização das atividades e, por fim, a replanificação/reformulação de atividades observadas com a elaboração de materiais e justificação das opções tomadas. A segunda atividade consistiu na planificação de várias aulas - do 1º e 2º CEB - elaboradas em diálogo com os professores cooperantes e com os professores supervisores. Depois de planificadas, essas aulas teriam de ser simuladas e gravadas em vídeo.

Apesar de as atividades propostas contemplarem componentes que são familiares e com as quais lidamos no dia-a-dia, com o encerramento das escolas e com o ensino à distância, perderam-se as ligações e a partilha de experiências que tão bem caracterizam a atividade docente. Nas palavras de Miranda (2015), “Os outros funcionam como o nosso espelho e é nas interações que mais aprendemos sobre nós próprios” (p. 66), uma vez que é através das

interações que o professor se confronta com desafios voltados para relações humanas e sociais, assentes na cooperação e partilha de valores fundamentais para a construção da sua identidade (Flores & Day, 2006).

À medida que o tempo foi passando, fui tomando consciência de que afinal esta tempestade não iria desvanecer rapidamente e que teríamos de aprender a lidar e a viver com uma nova realidade. Neste futuro, afundado em incertezas, a profissão docente enfrenta novos desafios, novos rumos e mudanças que requerem um “comandante” reflexivo, flexível e ousado, desejoso de orientar os seus passageiros “por mares nunca de antes navegados” (Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, 2013, p. 21).

3. LITERATURA PARA APRENDER/ENSINAR HISTÓRIA: INVESTIGAR PARA SABER

Tal como já referido anteriormente, o professor está em constante formação e desenvolvimento e tem de ser um investigador. O professor tem “a função específica de ensinar, pelo que recorre ao saber próprio da profissão, apoiado na investigação e reflexão partilhada da prática educativa” (Anexo II do Decreto-Lei 240/2001, p. 2). Investigar e procurar saber mais sobre determinado assunto, permite-nos melhorar o nosso desempenho docente, porque, por mais preparados que estejamos para o desempenho das nossas funções, a sociedade está em constante transformação e o docente tem de acompanhar essa mudança. Numa perspetiva de investigação-ação, o professor deve investigar durante a sua prática educativa, reformulando-a na ação. Além disso, a investigação constitui uma ferramenta imprescindível para conhecer e interpretar as características do ambiente educativo em que o docente se insere.

Deste modo, é inquestionável a existência de uma componente investigativa na PES, que permita a construção de um perfil docente completo. Assim, ao longo deste capítulo apresento o desenho de um projeto de investigação, que teve como objetivo primordial a sua concretização em contexto de 1º e 2º Ciclos. Apesar de não ter sido colocado em prática, devido à situação pandémica que encerrou as escolas, este constitui um importante fator de desenvolvimento profissional no meu percurso.

3.1. JUSTIFICAÇÃO E MOTIVAÇÃO

“Tanto História quanto Literatura são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam de estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a abordar” (Martins & Cainelli, 2015, p.2). Através desta afirmação, conseguimos perceber que estas duas áreas têm bastante em comum, o que sugere, de imediato, que se podem articular na prática, tornando o processo de ensino aprendizagem mais rico e mais significativo.

Torna-se, então, inevitável abordar o conceito de interdisciplinaridade. Existem várias definições para este conceito, mas destaco a de Piaget, que diz que “a interdisciplinaridade aparece como intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas [tendo] como resultado um enriquecimento recíproco” (citado por Oliveira, 2017, p. 6). Assim, através do meu projeto de investigação quis perceber de que forma é que estas duas áreas do saber se podem enriquecer mutuamente e contribuir para a melhor compreensão uma da outra. Podemos entender estas duas áreas “... como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (PESAVENTO, 2004, p. 80, citado por Martins & Cainelli, 2015, p. 2). Afinal, o que seria da literatura sem história? E da história sem a literatura? Duas áreas que veem o mundo de forma diferente e o descrevem à sua maneira, mas que no fim se aproximam uma da outra, talvez por se tornarem interdependentes na sua exploração.

Através do passado, conseguimos compreender o presente e projetar o futuro. Os acontecimentos do passado estão documentados em textos que podemos utilizar para melhor compreender determinado acontecimento, que nos ajudam a analisar e interpretar situações da vida quotidiana. Através desta perceção, podemos entender de que modo é que determinado episódio da história influencia o presente e podemos, com isso, criar um futuro diferente, evitando cometer os erros do passado.

3.2. O TEXTO LITERÁRIO COMO FONTE PARA APRENDER/ENSINAR HISTÓRIA

Primeiramente, é necessário falar sobre a História enquanto disciplina. Esta é, geralmente, uma disciplina pouco apreciada pelos estudantes, pois se “Vivemos no presente e fazemos planos para o futuro, então para que serve conhecer o passado?” (Amaral *et al.*, 2012, p. 3). Esta é uma pergunta recorrente dos estudantes, que não conseguem compreender por que razão esta disciplina é necessária no currículo. Temos, então, de desvendar as potencialidades desta disciplina. Se pensarmos na História “como uma disciplina que tem como objetivo a simples apreensão de factos e conceitos, fazendo referência aos acontecimentos da Humanidade ao longo dos séculos ...” (Amaral *et al.*, 2012, p. 4), esta não tem grande relevância na vida e no quotidiano dos jovens. Se, pelo contrário, dermos a conhecer a História enquanto ciência, esta poderá começar a despertar o interesse dos estudantes.

“A História, como ciência, é uma modalidade específica de conhecimento que emerge das carências que os seres humanos sentem em “orientar-se em função das mudanças que experimentam no seu mundo e em si mesmos.” (Rüsen, 2001, citado por Amaral *et al.*, 2012, p. 4) e, ainda, “A História ajuda-nos a compreender a mudança e o processo através do qual a nossa sociedade se transformou no que é hoje” (Stearns, 2008, citado por Amaral *et al.*, 2012, p. 4). A História é então a ciência que nos ajuda a perceber o presente, através do passado. Só, se compreendermos o passado, conseguimos entender melhor porque razão a sociedade é assim nos nossos dias.

Importa colocar a questão que muitos estudantes colocam aos seus professores: vale a pena estudar História? Segundo Rui Ramos (2011, citado por Amaral *et al.*, 2012), “Vale! Porque muito do que qualquer sociedade é num certo momento está determinado pelo trajeto que seguiu até chegar a esse ponto. Quer dizer: o passado explica.” (p. 4). Esta questão leva-nos a pensar, por exemplo, e a questionarmo-nos sobre um acontecimento particular da História de Portugal. Em 1 de dezembro de 1640, os portugueses restauraram a independência face à vizinha Espanha, que nos dominou durante 60 anos. Se os portugueses daquela época

não tivessem recuperado a nossa independência, com toda a certeza que o que aconteceu a partir daí não aconteceria, ou não aconteceria do mesmo modo. Provavelmente, não teríamos, implantação da República, salazarismo, dia da liberdade, entre outros.

As potencialidades da História, no âmbito do currículo, são muitas, como nos diz Howson (2009, citado por Amaral *et al.*, 2012),

“A História potencia o desenvolvimento de competências que são consideradas importantes no mundo atual, tais como a capacidade de refletir sobre o conhecimento, analisando a informação e respeitando as evidências, a capacidade de reconhecer e valorizar argumentos bem fundamentados, o desprezo pela mera polémica e a procura de contextualização, tentando compreender a intenção de cada discurso ou ato” (p. 5).

Este conjunto de competências é fundamental numa sociedade que é cada vez mais desenvolvida e que exige cada vez mais de nós e dos nossos estudantes. Através do trabalho desenvolvido na aula de História, os alunos são capazes de ter um pensamento crítico perante as situações, de saber argumentar e defender a sua opinião, selecionar informação e procurar diferentes explicações para determinados acontecimentos.

Para que esta disciplina seja trabalhada e lecionada da melhor forma, é necessário perceber que História ensinar. Para isso, recorremos a uma “área de investigação que alarga o âmbito da disciplina de História: a Educação Histórica” (Amaral *et al.*, 2012, p. 6).

A Educação Histórica preocupa -se em desenvolver metodologias que permitam ao aluno desenvolver a capacidade de formar pontos de vista fundamentados, partindo de uma perspetiva crítica (que atende ao espaço, ao tempo e ao contexto, à intencionalidade, à inferência, à interpretação, à multicausalidade, etc.). Responde não apenas a Quem?, Quando?, O Quê?, mas também ao Como? e aos Porquês? (Amaral *et al.*, 2012, p. 7).

O foco desta área de investigação é perceber como é que os alunos aprendem. Estes constroem as suas ideias sobre o passado, através do que veem, ouvem ou leem sobre o mesmo. É, então, fundamental que os alunos consigam desenvolver competências que os ajudem a construir o seu conhecimento histórico. Para construir este conhecimento, os alunos podem e devem recorrer a várias versões dos acontecimentos. Lee (2002, citado por Amaral *et al.*, 2012) diz “que existem diferentes tipos de passado baseados em diferentes modos de leitura do presente” (p. 7). Os estudantes podem, então, recorrer a diferentes explicações de determinado facto, analisando e verificando a veracidade dessa explicação.

Os alunos entendem a História através de três tipos de ideias: ideias prévias, que são ideias do quotidiano das crianças, que elas ouvem, veem ou leem; ideias substantivas, relacionadas com os conteúdos de História, e ideias de segunda ordem, que são ideias que estruturam o pensamento histórico, tais como explicação, mudança, permanência, tempo, entre outras (Amaral *et al.*, 2012). Para desenvolver o pensamento em História são importantes cinco dimensões: orientação temporal, orientação espacial, interpretação de fontes, compreensão contextualizada e comunicação em História. Através destes novos progressos na investigação desta disciplina, temos de repensar as aulas da mesma e o papel dos intervenientes: os alunos e o professor.

Adotando uma nova forma de lecionação, os alunos tornam-se os principais agentes da sua própria formação, vão reforçando, modificando ou construindo conhecimentos e o professor tem um papel de investigador, pois vai tentar compreender de que modo os alunos aprendem e com isso planificar as suas aulas. Barca (2007, citado por Amaral *et al.*, 2012) sugere algumas metodologias que podem ser utilizadas:

“exploração das ideias prévias dos alunos acerca do conteúdo substantivo e da natureza do saber histórico; formulação de questões desafiadoras de forma que a História seja um meio de orientar os jovens sobre os problemas da vida humana; proposta de interpretação cruzada de fontes históricas com pontos de vista diferenciados, para que os alunos aprendam vários níveis de leitura do que é ou não é dito; implementação de tarefas de aula variadas em que se contemplem momentos de trabalho intelectual individual e de pequeno grupo; análise da evolução concetual (...) através de fichas breves

e simples, em momentos pré e pós-unidade didática e exercícios de metacognição [que implicam] o envolvimento dos alunos na reflexão sobre as suas próprias aprendizagens” (p. 11).

Esta nova forma de pensar e planejar a aula de História dá origem a uma nova forma de aula – a aula oficina. “Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação” (Barca, 2004, p. 1). O professor é então um investigador que vai perceber e adaptar as suas aulas aos conhecimentos dos alunos e com atividades cada vez mais diversificadas e adequadas, vai-lhes proporcionando uma melhor aprendizagem e consequentemente melhores resultados na avaliação. Um dos recursos que se pode utilizar, para tal, é o texto literário. Assim, reflito, agora, sobre a relação destas duas áreas do saber e centro-me nos contributos que podem ter para a melhor apreensão uma da outra.

Quando lemos o título deste capítulo, questionamo-nos se a literatura e a história se podem interligar e ajudar mutuamente. A resposta é sim, pois, tal como afirma PESAVENTO (2004, p. 81, citado por Martins & Cainelli, 2015, p. 2), “Ambas são formas de representar questões que são pertinentes aos homens da época em que são produzidas, possuindo um público destinatário e leitor”. Analisando a utilidade de cada uma e a forma como a elas recorreremos, especialmente em contexto escolar, compreendemos que se tornam praticamente indissociáveis e que a sua articulação é natural.

No entanto, há que atentar também nas diferenças que as caracterizam, tal como explicam Martins & Cainelli (2015), uma vez que

“há (...) o compromisso da História com os acontecimentos históricos – ou seja, um historiador que deseja realizar um trabalho historiográfico não pode inventar personagens ou situações, por mais que elas sejam passíveis de ter acontecido em determinado contexto. Tal questão é trabalho da literatura, já que um escritor pode se apropriar do contexto e criar as situações que desejar dentro disto para atrair seu público” (p. 12).

Apesar de estas diferenças não poderem ser ignoradas, é importante que se interprete de que forma uma surge como elemento de representação e interpretação da outra, e vice-versa.

Nas aulas de HGP, por exemplo, a atividade mais realizada é a análise de fontes que nos ajudam a compreender melhor determinados acontecimentos, dando-lhes significado e situando-os no tempo e no espaço, quase como se os concretizassem. No entanto, podemos recorrer a textos literários, escritos por alguém que se apropriou de determinado acontecimento e criou uma narrativa que, por vezes, nos leva a entender melhor determinados pormenores de um episódio histórico. Atualmente, existem inúmeros textos que abordam a história dos reis de Portugal, da época dos descobrimentos e de outros episódios marcantes da nossa história. Estes levam-nos a viajar pelo mundo da imaginação e idealizar como terão acontecido estes marcos da nossa história.

Através da literatura, podemos também desenvolver o pensamento histórico. Collingwood (1978, citado por Cainelli & Barca) afirma que “o pensamento histórico é a atividade da imaginação incluindo o presente como evidência de seu passado” (2018, p. 3). De acordo com o ensino mais tradicional, a História é ensinada de forma transmissiva e unidirecional, não havendo espaço para que

“os alunos emitam opiniões, tomem decisões, escolham caminhos ou levantem hipóteses. Aos alunos, na maior parte das intervenções pedagógicas em sala de aula, é permitido apenas repetir o ensinado, reproduzir o texto do livro ou da aula do professor” (Cainelli & Barca, 2018, p. 3).

É por isso fundamental desenvolver o pensamento crítico, uma das áreas de competências do PASEO, e que tão pouco é trabalhada. É necessário que os alunos leiam e conheçam diferentes perspetivas e opiniões, para que sejam dotados de informação e competências que permitam a construção de uma opinião pessoal e a defesa da mesma, perante outras. É desta forma que os alunos se tornam capazes de conhecer o mundo através da sua intervenção nele (Freire, 1996).

Isto só será possível se mostrarmos aos alunos diferentes visões do mesmo acontecimento e se diversificarmos as fontes. Através destas podemos também colocar hipóteses sobre o que teria acontecido se determinado acontecimento não tivesse ocorrido ou mesmo se não tivesse ocorrido naquele espaço temporal, mas noutro. Colocando estas questões, os alunos podem problematizar a História, colocar hipóteses e levantar questões.

Este modo de atuação, conduzirá a uma aprendizagem mais significativa e também ao desenvolvimento da empatia histórica, imprescindível para que os alunos se interessem pela disciplina e pelo seu estudo, pois

“Empatizar historicamente é compreender e explicar as ações dos homens no passado, de modo a torná-las inteligíveis às mentes contemporâneas. Tal implica um amplo conhecimento do respectivo contexto histórico e a interpretação de evidências históricas diversificadas e contempladoras de diferentes perspectivas, estando também vinculado o uso da imaginação histórica” (Ferreira 2004, p. 26, citado por Silva, 2018, p. 17).

Tal como referido anteriormente, a imaginação histórica pode ser conseguida recorrendo aos textos literários que nos levam a imaginar o que aconteceu e como aconteceu no passado.

3.3. O PROJETO: MAPEAMENTO, ROTAS E PERCURSOS

Ao desenhar um projeto de investigação, pressupõe-se que este venha responder a uma questão-problema formulada inicialmente, uma vez que “toda a investigação tem por base um problema inicial que cresce e ciclicamente, se vai complexificando, em interligações constantes com novos dados, até à procura de uma interpretação válida, coerente e solucionadora” (Pacheco, 1995, p. 67 citado por Pacheco, 2006, p. 13). Deste modo, a questão-problema formulada permitiu desenhar o projeto de investigação, bem como definir as rotas e seguir e os percursos a escolher: “De que forma poderá a Literatura potenciar a aprendizagem de conteúdos programáticos de História e Geografia de Portugal, no 2º CEB”?

Formulada a questão, há que definir objetivos concretos que orientem o trabalho investigativo, facilitando o percurso a seguir. Assim, de acordo com o definido anteriormente e com o contexto da PES, foram definidos os seguintes objetivos:

- Potenciar a interdisciplinaridade no 1º e 2º CEB;
- Desenvolver a multiperspetiva como potenciadora do pensamento crítico;
- Promover a empatia histórica;
- Traçar atividades com obras literárias para estimular o ensino de HGP.

Tendo já definidos os objetivos a seguir na concretização do projeto de investigação, surge a necessidade de pesquisar mais acerca do tema selecionado, de modo a realizar um enquadramento que contextualize a temática a abordar. Neste caso concreto, a questão-problema levou-me a querer saber mais sobre as semelhanças e diferenças entre estas duas áreas e sobre a forma como se podem complementar. Já referi algumas semelhanças e diferenças, mas torna-se necessário elencar mais algumas. Sevcenko (2003, p. 59 citado por Martins & Canelli, 2015, p. 4) defende que “enquanto a Historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser”. Esta afirmação sugere uma maior objetividade no que diz respeito à História, enquanto confere alguma subjetividade à literatura, uma vez que esta “é muitas vezes ficcional, e não retrata personagens que de fato existiram”, é “antes de mais nada um produto artístico, cuja função é comover e agradar o leitor” e ainda, é “produto de seu tempo e é reflexo das condições

socioculturais do meio em que os autores se inserem” (Sevcenko, 2003, p. 29 citado por Martins & Canelli, 2015, p. 4).

Considerando tudo isto, é possível potenciar a interdisciplinaridade entre estas duas áreas, recorrendo a textos literários para potenciar a aprendizagem de conteúdos programáticos de HGP do 2º CEB. De acordo com esta abordagem, pretendo também desenvolver a multiperspetiva, pois isto conduz os alunos a fortalecer o seu pensamento crítico, uma das áreas de competências presente no PASEO. Por exemplo, quando é abordada a época dos Descobrimentos, é importante compreender os dois lados da história: o dos portugueses, que chegam a outros países, de forma gloriosa e vitoriosa; e o dos povos que já lá estão e os veem chegar e dominar o seu espaço. Na maior parte das vezes, só é conhecido o nosso lado, o lado dos "descobridores". Ao explorar diferentes perspetivas, como se de personagens se tratasse, os alunos veem-se de certa forma mais envolvidos na “narrativa” que é a História de Portugal, desenvolvendo-se, deste modo, a empatia histórica.

Levar o aluno a colocar-se no lugar do outro e a entender as suas razões e vivências permite que este desenvolva um maior gosto pela disciplina, despertando o seu interesse e motivando-o. Por exemplo, quando são abordados os conteúdos relativos à Segunda Guerra Mundial, nomeadamente, ao nazismo e à morte de milhões de judeus, é necessário que os alunos estejam conscientes do que aconteceu e de como aconteceu para que se possam colocar no lugar do outro e perceber melhor a História. Isto só é possível se, quando abordamos a História, recorrermos à Literatura e aos textos literários que nos contam como tudo aconteceu.

A obra de Ilse Losa, *O Mundo em que Vivi*, *O Diário de Anne Frank* de Anne Frank e outras obras literárias de substrato histórico são um exemplo de como os textos literários nos podem ajudar a entender melhor a História. Estas obras, respetivamente, contam a história de uma criança que vive no tempo da Alemanha nazi e, como é judia, é perseguida pelos nazis e de uma menina, a autora, que vive num sótão para fugir aos nazis e à perseguição por eles infligida aos judeus. Com elas, podemos entender e colocarmo-nos no lugar do outro em relação a este tema tão controverso da História mundial e que tantas opiniões divide.

A TRAVESSIA DO VIAJANTE: (DES)EMBARQUE, (DES)MEMÓRIA, (DES)CAMINHO, LEMBRANÇAS... DE FUTURO

Uma mala que nunca se fecha, um viajante que nunca se cansa, um caminho que nunca acaba. Esta frase resume o meu percurso profissional e académico. Ao longo da vida, a mala de um professor nunca se fecha, está sempre aberta e pronta a albergar novos mundos, novos passageiros e novas histórias. O professor é um viajante que nunca se cansa, porque abraça todos os dias a profissão como se fosse o primeiro dia, com o entusiasmo e a alegria de ver as crianças crescerem e serem alguém no mundo. Este caminho que não acaba, que apenas vai mudando de trajetória, vai-se adaptando e fazendo-se em conjunto com os colegas de profissão e com os alunos.

Chegados ao final do relato desta viagem, desembarco neste porto seguro que é o fim do estágio e embarco noutra porto que é o início do concretizar de um sonho, o de ser professor. Comigo levo as memórias que construí com todos os passageiros desta viagem, acreditando que cada um teve um grande impacto no professor que construo todos os dias. Com cada criança aprendi algo diferente e todas elas me ensinaram a riqueza desta profissão. Com elas tive de adaptar o currículo, desafiar-me, sair da minha zona de conforto e colocar a criatividade no topo da prática docente. Todos os dias, existia algo diferente para ver, fazer, aprender e descobrir. As duas escolas onde realizei o estágio mostraram-me, de uma forma bem explícita o que é a articulação vertical e horizontal e como aplicá-la na prática.

No entanto, a viagem teve percalços e por vezes o caminho tornou-se um descaminho que também foi necessário fazer para crescer e seguir em frente. O maior percalço foi, sem dúvida, a pandemia provocada pela covid-19 que fez com que não pudéssemos continuar o estágio profissionalizante. Isto obrigou-nos a adaptar o nosso quotidiano e, claro, a conclusão da PES. As atividades desenvolvidas não corresponderam às expectativas do que seria o final do estágio, o final de um ciclo, pois não pude contactar com os alunos, continuar a intervir no seu processo de ensino-aprendizagem mesmo à distância. As atividades propostas serviram para desenvolver a minha capacidade de síntese, improviso, resolução de problemas, a minha imaginação e o meu discernimento.

No final, ficam as lembranças guardadas nesta mala principal que é o coração. Estas lembranças levam-me às lembranças de futuro. Recordar o que fiz, repetir o que consegui e projetar o que farei. Assim, olhando para trás vejo um futuro carregado de alegria, esperança, entusiasmo e, principalmente, de ensinamentos que me levarão a crescer e a querer continuar a viajar pelo mundo do ensino, porque “Eles não sabem, nem sonham/ Que o sonho comanda a vida/ E que sempre que um homem sonha/ O mundo pula e avança/ Como bola colorida/ Entre as mãos de uma criança” (António Gedeão, 2012).

Que nunca deixemos de sonhar!

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores*, N.º 1, 21-30.
- Alarcão, I., & Canha, B. (2013). *Supervisão e Colaboração: Uma relação para o desenvolvimento*. Porto: Porto Editora.
- Amaral, C., Alves, E., Jesus, E. & Pinto, M. H. (2012). O trabalho de fontes na perspetiva da Educação Histórica. *SIM, A HISTÓRIA É IMPORTANTE! – História 7º ano*, pp. 1-32.
- Andrade, A. F., Quadros-Flores, P., & Pinto, J. A. (2019). Gamification as a strategy for promoting child involvement: A study on spatial orientation in *the 1st CEB. International Journal of Advanced Engineering Research and Science*, 6(11), pp. 399-411
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Barca, I. (2004). Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131 – 144.
- Boal-Palheiros, G. (2014). A importância da música no desenvolvimento e na educação das crianças. In J.D.L. Pereira, M.F. Vieites & M.S. Lopes (Coord.), *As Artes na Educação* (pp. 207-221). Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação cultural
- Camões, L. V. (2013). *Os Lusíadas*. Lisboa: Lisgráfica - Impressão e Artes Gráficas.
- Cainelli, M. & Barca, I. (2018). A aprendizagem da história a partir da construção de narrativas sobre o passado. *Educação e Pesquisa*, 44, pp. 1-16.
- Cardoso, J. R. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores.
- Carvalho, E. (2019). *Para uma filosofia da educação inclusiva, integradora e holística*. (Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/38211>
- Cavalcanti, J. (s/d). *Malas que contam histórias*. Lisboa: Paulus editora.
- Diogo, F. (2010). *Desenvolvimento curricular*. Luanda: Plural Editores.

- Flores, M., Carvalho, M., & Silva, C. (2016). *Formação e aprendizagem profissional de professores: contextos e experiências*. Porto: DE FACTO EDITORES.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (25ª ed.). São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Gaspar, M. (2014). *A dramatização na sala de aula como recurso para desenvolver a expressão e a interação orais*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/14107>
- Gedeão, A., Freire, M. (1993). *Pedra Filosofal* [CD-ROM]. Braga: World Music Records.
- Lima, J. & Pacheco, J. (2006). *Fazer investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Martins, G. & Cainelli, M. (2015). O uso de Literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História. *VII Congresso Internacional de História*, pp. 1-13. doi: 10.4025/7cih.pphuem.1318
- Oliveira, J. (2017). *Interdisciplinaridade como Estratégia de Ensino-Aprendizagem*. (Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti). Disponível em <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2491/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1gio.pdf>
- Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora
- Pais, A. (2010). Fundamentos didatológicos e técnico-didáticos de desenho de unidades didáticas para a área de Língua Portuguesa. In *Encontros de Didática*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 23 de novembro.
- Rodrigues, D. (2020). *A Importância da Utilização de Fontes Históricas nas Aulas de História e Geografia de Portugal*. (Tese de Mestrado, Instituto Politécnico de Coimbra). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/32712>
- Silva, M. (2018). *A Empatia como estratégia para o Ensino Aprendizagem em História*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/116540>
- UNESCO-IBE. (2016). *Glossário de Terminologia Curricular*. 1-114

NORMATIVOS LEGAIS E OUTROS DOCUMENTOS

Aprendizagens Essenciais de Português do 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico. (2018). Lisboa: Ministério da Educação.

Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal do 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico. (2018). Lisboa: Ministério da Educação.

Buescu, H., Morais, J., Rocha, M., & Magalhães, V. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico.* Ministério da Educação e Ciência.

Complemento Regulamentar Específico de Curso. (2018). Porto: Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de agosto. Aprova o *perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário.* Diário da República nº 201 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de julho. Procede à segunda alteração do Decreto-lei nº75/2008, de 22 de abril, que *aprova o regime jurídico de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.* Diário da 95 República nº 126/2012 – I Série – Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho. Estabelece o *regime jurídico da educação inclusiva.* Diário da República n.º 129 – I Série. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa.

Decreto-Lei nº 55/2018 de 6 de julho. Estabelece o *currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens.* Diário da República nº 129/2018 – I Série – Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa.

Ministério da Educação. (2020). *Comunicação enviada às escolas sobre suspensão das atividades com alunos nas escolas de 16 de março a 13 de abril:* <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=comunicacao-enviada-as-escolas-sobre-suspensao-das-atividades-com-alunos-nas-escolas-de-16-de-marco-a-13-de-abril>

Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. (2017). Lisboa: Ministério da Educação.

Projeto Educativo de um Agrupamento de Escolas do Grande Porto, 2017-2020.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- PLANIFICAÇÃO 1º CEB

Plano de aula

A minha casa não é de aço nem de betão

1.º Ciclo | 3.º Ano de escolaridade

Domínios	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos	Tempo
Oralidade	<u>Primeira aula</u> Através da primeira quadra do poema (anexo 1) e da ilustração (anexo 2) que acompanha o poema, os alunos terão de fornecer hipóteses que antecipem a temática do poema. - Possíveis hipóteses: 1. Uma casa mágica; 2. Uma casa de papel; 3. Diário.	- Anexo 1: Poema <i>Casa de Palavras</i> de António Mota - Anexo 2: Ilustração do poema “Casa de Palavras”	3horas 10minutos
Leitura	Sob a orientação da docente os alunos organizar-se-ão em pares, a fim de realizarem a ficha: <i>Descobre o poema</i> (anexo 3). Ao longo da atividade os alunos terão de reescrever as frases do poema, muitas vezes, através da descodificação, antecipação e isolamento das palavras. É de se esperar que algumas das palavras sejam adquiridas	- Anexo 3: Ficha de trabalho <i>Descobre o poema</i>	20minutos

Leitura	pelo meio inferencial, de tal modo que os alunos não reconheçam imediatamente o seu significado, como por exemplo, “arranha-céus”. Os alunos deverão sublinhar as palavras desconhecidas.		7minutos
	Num clima de orientação e interajuda os alunos realizarão um diálogo onde registrarão, no quadro, um a um, as palavras desconhecidas. A atividade propõe que a turma se reúna e utilize a diversidade de pensamentos e experiências para decifrar os significados das palavras. Assim, espera-se reunir o maior número de ideias, visões, propostas e possibilidades.		5minutos
	- Leitura em voz alta do poema por parte das professoras. - De seguida, a professora colocará o CD que contém a música/poema <i>CASA DE PALAVRAS</i> na voz de Daniel Completo (anexo 4). Após este momento de audição, a turma, auxiliada pela melodia, realizará uma leitura cantada do poema. Partindo deste momento os alunos, sob a orientação da docente e em grupos, realizarão leituras com ênfase na musicalidade, ritmo e entoação.	- Anexo 4 Música <i>Casa de Palavras</i> na voz de Daniel Completo	20minutos
	- Orientações:		25minutos
Oralidade e Escrita	1. Leitura rápida da primeira quadra (aluno 1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25);		
	2. Leitura lenta da segunda quadra (aluno 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26);		15minutos
	3. Leitura cantada dos versos soltos (turma).		

Escrita	- Realização de um jogo de rimas que desenvolve a manipulação de sílabas, fonemas e correspondência grafema-fonema, onde os alunos partirão de palavras fornecidas pela docente (palavra inicial) com o intuito de formarem novas palavras rimáticas. - Possíveis hipóteses: - Palavra inicial: Bol<u>inha</u> Palavra final: Estrel<u>inha</u> - Palavra inicial: Sensa<u>ção</u> Palavra final: can<u>ção</u> - Palavra inicial: Pequ<u>enino</u> Palavra final: Men<u>ino</u> - Posteriormente, os alunos lembrarão os elementos essenciais que constituem o poema. Em grande grupo e através da projeção de algumas informações essenciais, esclarecerão e partilharão os seus conhecimentos perante a temática: - Cada linha de um poema é um verso. - Um conjunto de dois ou mais versos é uma estrofe. - Rima é a repetição de sons iguais ou semelhantes em palavras inteiras ou em sílabas. - A rima contribui para a musicalidade de um poema. - De seguida a professora entregará a cada aluno uma ficha síntese (anexo 5) que contém as informações discutidas na tarefa anterior, acompanhadas de um exercício que apela à observação do poema e das suas rimas a fim de completarem algumas frases:		25minutos
		- Anexo 5: Ficha síntese do poema	25minutos

Escrita	- O primeiro verso de cada estrofe é sempre _____. - O segundo verso rima com o _____. - O quarto verso rima com o _____. - Quantas estrofes tem o poema?_____. - Quantos versos tem cada estrofe?_____. - Para formar uma quadra quantos versos são precisos?_____. • Atrás da ilustração e das informações anteriores a cada verso (tempo, visualização, identificação e solto), cada aluno deverá escrever uma estrofe, mantendo a forma da quadra iniciada com o verso “Não tem portas nem janelas”, do poema <i>Casa das Palavras</i>, e em que esteja, implicitamente ou explicitamente a associação do objeto com a sua dimensão.		30minutos
Leitura	- Exemplo: (Informação) Não precisa de chave, (Visualização) a minha casa está sempre <u>aberta</u>. (Identificação) Ela é feita de magia, (Solto) ela é a casa <u>certa</u>. • Terminada a tarefa cada aluno realizará uma leitura em voz alta da sua quadra. <u>Segunda aula</u>		10minutos 1h30 10minutos

	- A professora introduz a aula lendo a sua quadra fazendo alusão aos meios de transporte. Para chegares à minha casa, Podes vir de navio, comboio ou de <u>avião</u>. A minha casa pode estar por perto, Ou em qualquer outra <u>dimensão</u>. - Brainstorming: 1. Quais os meios de transporte que podes utilizar para me visitar? 2. Quais os tipos de meios de transportes presentes na quadra? - Visualização do vídeo <i>Quais são os principais meios de transporte</i> (anexo 6). - Questões orientadoras consultadas no manual, p.39 1. Em que medida é que os meios de transporte facilitam a vida do ser humano? 2. Enumera três inventos que impulsionaram a evolução dos meios de transporte. 3. Indica dois dos primeiros meios de transporte utilizados pelo ser humano. 4. Indica dois dos meios de transportes inventados mais recentemente. 5. Dos meios de transporte a seguir referidos, assinala com X os dois que te parecem menos poluentes: <i>navio petroleiro; carro elétrico; avião; barco à vela</i>. - A professora lê a sua quadra fazendo alusão aos meios de comunicação. Quando me visitares,	- Anexo 6: Vídeo <i>Quais são os principais meios de transporte</i>. https://www.youtube.com/watch?v=hOaW0MnSg4E - Anexo 7: Vídeo <i>A evolução dos meios de comunicação</i> https://www.youtube.com/watch?v=R4FNSzkkxYYY	40minutos 10minutos
--	--	--	-----------------------------------

	Avisa-me que estás a camin<u>h</u>o. Sempre me podes ligar, Ou recuar mais um pouquinho e escrever-me um pergamin<u>h</u>o. - Brainstorming: 1. Quais os meios de comunicação presentes na quadra? 2. Para que servem estes meios de comunicação? 3. Os dois meios de comunicação presentes na quadra foram inventados na mesma altura? • Visualização e exploração do vídeo <i>A evolução dos meios de comunicação</i> (anexo 7). - Jogo no Kahoot: <i>Qual é coisa, qual é ela?</i> (anexo 8) 1. Foi inventada para transmitir mensagens escritas entre pessoas distantes uma da outra. R. Carta 2. Aparelho que permite duas pessoas conversarem, mesmo estando distantes, sem sair de casa através de uma linha. R. Telefone 3. Usado principalmente para ouvir músicas. Normalmente tem locutores em cada estação que apresentam programa e dão notícias. R. Rádio 4. Transmite sons e imagens. A sua principal função é informar e entreter. R. Televisão	- Anexo 8: Jogo <i>Qual é coisa, qual é ela?</i>	40minutos
--	---	---	------------------

	5. Cabe na palma das mãos e permite que as pessoas conversem mesmo estando fora de casa e sem precisar de fios. R. Telemóvel		
--	--	--	--

APÊNDICE 2- PLANIFICAÇÃO 2º CEB

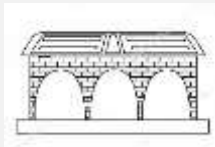
Unidade temática: 5 aulas

III estações, III paragens, I país... novas miragens.

1º Ciclo | 3º Ano de escolaridade

2A (P) + 1A (H) + 2M (1ºCEB)

2º Ciclo | 6º Ano de escolaridade

Domínios	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos	Tempo
Oralidade - Explicitar, com fundamentação adequada, sentidos implícitos.	[No quadro está a frase “Bem vindos ao País das Maravilhas” e uma imagem de uma estação, escondidas por uma cartolina- Organização do espaço em U]. • Apresentação da sequência do trabalho de aula: - Assunto e atividades; - Perguntar aos alunos em que país se encontram e depois retirar a cartolina para mostrar a frase e referir que agora estão noutro país, o País das Maravilhas. • Os alunos observam a imagem e a frase que estão no quadro. - Em diálogo com as professoras, colocam hipóteses sobre o que vão encontrar em cada paragem. • Audição da música: - As professoras pedem aos alunos que fechem os olhos e que escutem a música <i>Alice’s</i> de Danny Elfman. • <i>Brainstorming</i>: - O que lhes lembra a música? • Preenchimento da ficha técnica da música: - Título da música; - Compositor; - Ano; - Duração. • Projeção do excerto do filme <i>Alice no país das maravilhas</i>, partes 04 e 05, dirigido por Tim Burton - (ambiente pouco iluminado). • Preenchimento da ficha técnica do filme: - Título original; - Diretor; - Género; - Duração; - Ano.	 Tema <i>Alice’s de Danny Elfman</i> https://www.youtube.com/watch?v=148eG4U8skE Ficha técnica Excerto do filme parte 04- 2:30 Retirado de https://www.youtube.com/watch?v=lrDryP0i3M&list=PLlk96GB5UHaS1r_RtL0smDn2tawPQBTI9&index=4 Excerto do filme parte 04- 4:44 Retirado de https://www.youtube.com/watch?v=YaZbkxvloE&list=PLlk96GB5UHaS1	1ª aula 18/11/2019 90min.

Oralidade - Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas. - Planificar, produzir e avaliar textos orais (relato, descrição, apreciação crítica), com definição de tema e sequência lógica de tópicos (organização do discurso, correção gramatical), individualmente ou em grupo. Escrita - Produzir textos de opinião com juízos de valor sobre situações vividas e sobre leituras feitas.	• Organização da sequência da narrativa: - Projeção de ilustrações, retiradas do filme e diálogo com os alunos: 1. Quem é a protagonista da história? 2. O que estaria a fazer? 3. Quem procurava? 4. Onde o encontrou? 5. O que aconteceu? • Atividade de escrita: Texto de opinião - Os alunos discutem as atitudes de Alice perante as situações em que esta se encontra na sequência dos cartões apresentados pelas professoras: 1ª situação: Alice a correr para a toca do coelho; 2ª situação: Alice a tomar todas as poções que encontra dentro da toca. - As professoras sugerem que Alice poderia ter expressado as suas atitudes através de provérbios. [No quadro estão escritos vários provérbios: “O que não mata engorda; O fruto proibido é o mais apetecido; Depressa e bem não há quem...]. - Relembrar a estrutura do texto de opinião através da imagem do Coelho Branco, projetada em <i>PowerPoint</i>. - As professoras distribuem, pelos alunos, os cartões apresentados anteriormente. - Os alunos selecionam um dos cartões, associam-no ao provérbio e redigem um texto de opinião.	r_RtL0smDn2tawPQBTl9&index=5 Ficha técnica <i>PowerPoint</i> Cartões com ilustrações retiradas do filme <i>PowerPoint</i>	
--	---	---	--

Oralidade - Explicitar, com fundamentação adequada, sentidos implícitos. Leitura - Ler textos com características narrativas e expositivas de maior complexidade, associados a finalidades várias (lúdicas, estéticas, publicitárias e informativas) e em suportes variados. - Realizar leitura em voz alta, silenciosa e autónoma.	[Organização do espaço em L; em cima dos espaços de trabalho encontram-se várias versões da obra de <i>Alice no País das Maravilhas</i> de Lewis Carroll, com a contracapa voltada para cima e onde se encontra o aviso: Proibido tocar até novas indicações]. • Apresentação da sequência da primeira parte da aula: - Assunto e atividades; - Perguntar aos alunos que livros conhecem em que a protagonista se chama Alice. • Contacto com diferentes versões da obra em análise: - Folhear o livro; observar os elementos paratextuais (título, ficha técnica, ilustrações...). • Preenchimento da ficha técnica do livro: - Título; - Autor; - Ilustrador; - Editora; - Ano. • Leitura do resumo da obra por parte das professoras. • Biografia de Lewis Carroll e da Rainha Vitória: - Relação entre a obra e o período histórico: Observação dos cartões de cidadão – elementos comuns; • Visualização do documentário: “Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll)” - Como é a Rainha? - A que personagem corresponde na obra? Exemplos: - Corta-lhe a cabeça; - Ele está a assassinar o tempo; - Canção de embalar (Twinkle Twinkle Little Star); - Hora do chá (Tradição inglesa).	Obras <i>Alice no País das Maravilhas</i> de Lewis Carroll Ficha técnica; Estação “Bem vindos ao País das Maravilhas” Texto <i>Alice no País das Maravilhas</i> de Lewis Carroll Cartão de cidadão de Lewis Carroll e da Rainha Vitória Documentário <i>Alice no País das Maravilhas</i> (Lewis Carroll) https://www.youtube.com/watch?v=MFeY-XQsVJU&t=1004s PowerPoint	2ª aula 19/11/2019 90min.
---	---	---	---

--	--	--	--

APÊNDICE 3- PLANIFICAÇÃO 2º CEB (DRAMATIZAÇÃO ULISSES)

Unidade temática: 6 aulas - 3A (P) + 1A (H) + 2M (1.º CEB)

1. º Ciclo | 3º Ano

2. º Ciclo | 6º Ano

Passo a passo vai o herói, numa viagem onde se constrói

Domínios	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos	Tempo
Oralidade - Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas. Leitura - Realizar leitura em voz alta, silenciosa e autónoma. - Identificar tema (s), ideias principais e pontos de vista. - Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto. Educação Literária - Ler integralmente obras literárias narrativas, poéticas e dramáticas. - Interpretar adequadamente os textos de	[A professora aproveita o facto de os alunos terem ido ver a peça de teatro “Ulisses” no dia 10/01/2020 para introduzir o tema.] • A professora questiona os alunos sobre a peça: - Qual era o grupo de teatro? - Como se chamava a peça? - O que viram? - O que vos chamou mais à atenção? - Do que mais gostaram? - Do que menos gostaram? - O que ficaram a saber? • <i>Brainstorming</i> : - Afinal quem era Ulisses? - Que características tinha este herói? • Puzzle - Os alunos, em pares, reconstituem duas capas da obra <i>Ulisses</i> . • Análise dos elementos das duas capas: - Título; - Autor; - Editora; - Ilustrador; - Ano de edição; - O que é comum? • Visualização do excerto do vídeo “Maria Alberta Menéres 1930-2019”. • Leitura, pela professora, do episódio do cavalo de Tróia. • Diálogo com alunos sobre o que ouviram ler:	Puzzle com capas Obra <i>Ulisses</i> (edição de 1989 e de 2017) Vídeo “Maria Alberta Menéres 1930-2019” (0:43-2:00) https://blogue.rbe.mec.pt/maria-alberta-meneres-	1ª aula 90 minutos

acordo com o género literário. - Expressar reações aos livros lidos e partilhar leituras através de declamações, representações teatrais, escrita criativa, apresentações orais.	- O que construíram Ulisses e os companheiros? - Para que servia? - O que fizeram os gregos com o cavalo? - Esta estratégia resultou? • Visualização e análise do excerto do filme <i>Troia</i>. - O cavalo do filme era igual ao do livro? - A descrição dos acontecimentos no filme é igual ao livro? • Início da leitura, pela professora, do episódio da Ciclópia. [À medida que a professora realiza a leitura, juntamente com os alunos, são colocadas no quadro imagens que ilustram o episódio que está a ser lido.] • Conclusão da leitura do episódio da Ciclópia. - A professora inicia a leitura e de seguida pede aos alunos que continuem, tendo em atenção a pontuação, a mancha gráfica e a entoação do texto. • Leitura do episódio da Eólia: - Recurso expressivo “Perífrase” Exemplos: “ (...) as gentes do mar.” = os marinheiros (<i>Ulisses</i> p. 36) “ As lágrimas sobem-lhe aos olhos (...) ” = chora (<i>Ulisses</i> p. 60) • Leitura do episódio da Ilha de Circe: - A professora inicia a leitura e de seguida pede aos alunos que continuem, tendo em atenção a pontuação, a mancha gráfica e a entoação do texto. • Diálogo com os alunos sobre o episódio da Ilha dos Infernos: - Que conselho lhe deu Circe sobre o cão que guardava esta ilha? - Quem é que Ulisses encontrou nesta ilha? - O que é que ele ficou a saber? - Ficou contente com as novidades sobre o que se passava em Ítaca? - O que lhe disse o Profeta Tirésias? • Leitura do episódio do Mar das Sereias: - A professora inicia a leitura e de seguida pede aos alunos que continuem, tendo em atenção a pontuação, a mancha gráfica e a entoação do texto.	1930-2019-2273422 Excerto da obra <i>Ulisses</i> (p.12 até p.16) Excerto do filme <i>Troia</i> de Wolfgang Petersen, 2004 Excerto da obra <i>Ulisses</i> (p.18 até p.35) Excerto da obra <i>Ulisses</i> (p.18 até p.35) Excerto da obra <i>Ulisses</i> (p.36 até p.38) Excerto da obra <i>Ulisses</i> (p.40 até p.46) Excerto da obra <i>Ulisses</i> (p.54 até p.58)	2ª aula 90 minutos
--	--	--	-------------------------------

	• Diálogo com os alunos sobre a chegada de Ulisses a Ítaca e leitura de partes desse excerto: - Como é que Ulisses foi para o palácio? - Quem o reconheceu? - Qual o plano que ele idealizou juntamente com o seu filho? - Esse plano resultou? - Como termina esta história? [No final da aula, os alunos são divididos em grupos – dois de 4 elementos e dois de 5 elementos – e recebem excertos da obra que terão de dramatizar.] • Dramatização, pelos alunos, de quatro excertos da obra: episódio da Ciclópia, episódio da Ilha de Circe, episódio do Mar das Sereias e episódio da Chegada a Ítaca.	Excerto da obra <i>Ulisses</i> (p.60 até p.68)	3ª aula 90 minutos
--	---	--	-----------------------

APÊNDICE 4- PLANIFICAÇÃO 2º CEB (ATIVIDADE NO EXTERIOR)

Unidade temática: 4 aulas - 2A (P) + 1A (H) + 1M (1.º CEB)

1. º Ciclo | 3º Ano

2. º Ciclo | 6º Ano

Domínios	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos	Tempo
<u>Português</u> Educação Literária - Ler integralmente narrativas, poemas e texto dramático, por iniciativa própria ou de outrem. Leitura - Identificar o tema e o assunto do texto ou de partes do texto; - Expressar uma opinião crítica acerca de aspetos do texto (do conteúdo e/ou da forma). Escrita - Expressar opiniões e fundamentá-las.	• Apresentação do trabalho da aula: - A professora começa por explicar o trabalho que irão desenvolver naquela aula. - A turma será dividida em grupos e cada grupo terá de procurar, no exterior, os envelopes que contêm as estrofes de um poema e a letra de uma música. • Regresso à sala-de-aula: - Depois de todos os grupos terem encontrado um envelope, regressam à sala e terão de colocar o poema e a letra da música por ordem. - De seguida, irão colar numa cartolina o poema pela ordem correta e noutra a letra da música. • Leitura pela professora do poema “Felicidade” de Matilde Rosa Araújo. • Diálogo com os alunos sobre o que ouviram ler: - Qual o título do poema? - Por que razão tem este título? - Qual o assunto do poema? - Conhecem este três animais? - Porque será que o sapo estava infeliz? - Que influência têm o Sol e a Lua nos seres vivos? • Audição da música “O Sol” de Vitor Kley • Diálogo com os alunos sobre o que ouviram: - Alguém sabe o que é a melanina? - Por que é que quando o sol brilha o mundo se distrai? - Por que razão o sol é tão importante para os seres vivos?	Envelopes Poema “Felicidade” in <i>As Fadas Verdes</i> de Matilde Rosa Araújo Letra da música “O Sol” de Vitor Kley	1h
<u>Estudo do Meio</u>	• Aula no exterior:		1h30m

Natureza - Relacionar hábitos quotidianos com estilos de vida saudável, reconhecendo que o consumo de álcool, de tabaco e de outras drogas é prejudicial para a saúde.	- A professora leva a turma para o exterior para conversarem sobre a importância do ar e do sol pra a saúde: - Porque precisamos do ar? - E se este estiver poluído? - O que provoca a poluição do ar? - O que podemos fazer para evitar esta poluição? - E o sol por que razão é importante? - Que vitamina produz o nosso organismo com a ajuda do sol? - Que cuidados devemos ter quando apanhamos sol? - No verão, quantas horas devemos estar sem apanhar sol?		
--	---	--	--

APÊNDICE 5- PLANIFICAÇÃO DE HGP

Domínio: D - Portugal do século XVIII ao século XIX			Data: 04/02/2020			
Subdomínio: D3 - Portugal na segunda metade do século XIX			Docente: Madalena Nogueira			
Sumário: As reformas no ensino e na justiça. Aumento e distribuição da população. O êxodo rural. A sociedade liberal portuguesa – a vida nas cidades e no campo. O operariado.			Professora estagiária: Analisa Francisco			
Motivação/ Contextualização: Visualização de várias imagens sobre a matéria abordada na aula anterior						
Questões orientadoras: - Que fatores contribuíram para o aumento da população portuguesa no século XIX? - Como era a sociedade portuguesa no século XIX? - Que nome se dava ao grupo que trabalhava nas fábricas?						
Conteúdos	Objetivos de aprendizagem	Conceitos	Experiências de aprendizagem Metodologias e recursos		Competências/Metas/Ap. Essenciais a desenvolver	Instrumentos de avaliação
- As reformas no ensino e na justiça. - Aumento e distribuição da população. - O êxodo rural.	- Conhecer e compreender o alcance das medidas tomadas pelos liberais na educação e na justiça;	- Crescimento da população; - Êxodo rural; - Operariado, - Greve.	Estratégias de aprendizagem	Recursos	- Explicar as migrações oitocentistas (para outros continentes e dos campos para as cidades), relacionando-as com o crescimento populacional e com o processo de Industrialização;	- Grelha de avaliação da participação e empenho do aluno.
			1.º momento: A professora começa por relembrar a aula anterior questionando os alunos sobre que reformas foram feitas no ensino e na justiça.	- Documentos 1, 2, 3, 4 e 5 (anexo 1)		

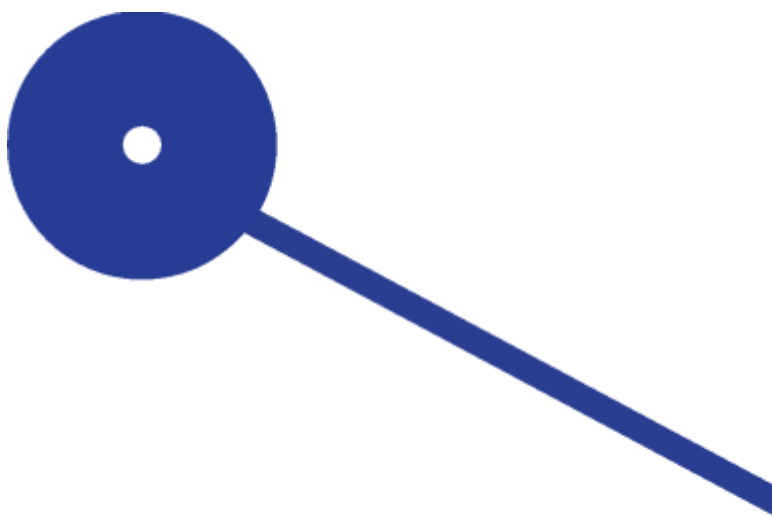
- A sociedade liberal portuguesa – a vida nas cidades e no campo. - O operariado.	- Conhecer e compreender o aumento da população e o êxodo rural verificado na segunda metade do século XIX; - Conhecer e compreender as características da sociedade e a vida quotidiana nas cidades e nos campos na segunda metade do século XIX.		• De seguida, apresenta um gráfico (doc. 6) e questiona os alunos sobre este: - A que se refere este gráfico? - O que contribuiu para o aumento da população? • Depois mostra dois mapas (doc. 7) e dialoga com os alunos sobre eles: - O que observamos no mapa? - Onde se concentra maioritariamente a população? - Por que razão a população se concentra maioritariamente no litoral? - Que nome se dá à partida de camponeses das zonas rurais para as cidades? - Será que as pessoas só partiram do interior para o litoral? (doc. 8 e 9) 2.º momento: • A professora pede aos alunos que fechem os olhos e pedelhes que só abram os olhos quando ela disser. • Quando os alunos abrem os olhos, visualizam uma imagem da sociedade do século XIX e a	- Documento 6 (anexo 2) - Documento 7 (anexo 3) - Documentos 8 e 9 (anexo 4)	- Referir o aparecimento de um novo grupo social (operariado), a progressiva perda de privilégios da nobreza e a ascensão da burguesia; - Analisar o processo que desembocou na abolição da escravatura e da pena de morte; - Identificar/aplicar os conceitos: indústria, operariado.	
--	---	--	---	---	---	--

			professora está vestida com roupa da época. - Depois, a professora apresenta várias imagens que caracterizam a sociedade do século XIX e dialoga com os alunos sobre as mesmas: - O que observamos nas imagens? - Que diferenças existem? - E semelhanças encontramos algumas? - Análise e exploração do vídeo: “O proletariado”: - Que pessoas faziam parte deste grupo? - Que condições de trabalho tinham aquelas pessoas? - Como se organizaram os operários? - O que é a greve /fazer greve?	Imagens Vídeo “O proletariado” (anexo 5)		
			3.º momento: - A professora dá aos alunos a letra da música “Modernices (O Modernismo)” de Maria de Vasconcelos e pede aos alunos que escutem a música com atenção. - A professora volta a passar a música e pede aos alunos que sublinhem, com cores	Letra da música e áudio “Modernices (O Modernismo)” de Maria de Vasconcelos in As canções da Maria – especial História de		

			diferentes e de acordo com a legenda, as palavras da música relacionadas com a sociedade do século XIX.	Portugal (anexo 6)		
Metacognição/ Avaliação Formativa - Observação centrada no interesse, empenhamento e aquisição de conhecimentos; - Observação centrada na recolha de informação; - Observação centrada na resposta dada às questões colocadas.						
Áreas de competência do perfil do aluno: - Linguagens e textos (A) - Informação e comunicação (B) - Raciocínio e resolução de problemas (C) - Pensamento crítico e pensamento criativo (D) - Bem-estar , saúde e ambiente (G)						

P.PORTO

.....



ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
POLITÉCNICO
DO PORTO



A volta
à escola
em 140
dias: o

MESTRADO

EM ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO
BÁSICO E DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E
GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO 2º
CICLO DO ENSINO BÁSICO

processo de ensino-aprendizagem como uma viagem
Analisa
Correia
Francisco

|
M